

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFH
INSTITUTO DE ESTUDOS DE GÊNERO – IEG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GÊNERO E DIVERSIDADE NA
ESCOLA

**Violência de gênero nas aulas de Educação Física:
Percepções de um profissional.**

FERNANDO SANTOS DE ARAUJO

Florianópolis/SC

Dezembro/2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
Através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Araújo, Fernando Santos de. Violência de gênero nas aulas de Educação Física: :
Percepções de um profissional. / Fernando Santos de Araújo ; orientador, Daniel
Machado da Conceição - Florianópolis, SC, 2016. 57 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas. Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na
Escola.

Inclui referências

1.Educação. I. Conceição, Daniel Machado da. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Especialização em Gênero e Diversidade na Escola. III. Título.

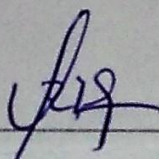
FERNANDO SANTOS DE ARAUJO

VIOLÊNCIA DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:
PERCEPÇÕES DE UM PROFISSIONAL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
obtenção do título de Especialista em
Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

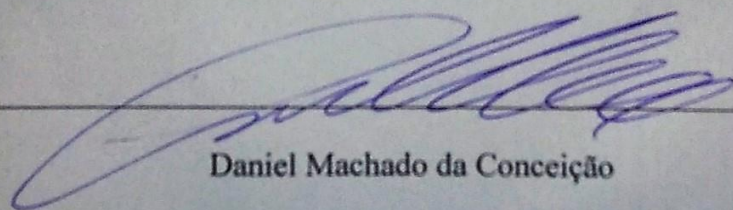
Aprovado em 17 de dezembro de 2016.

Coordenação do Curso:

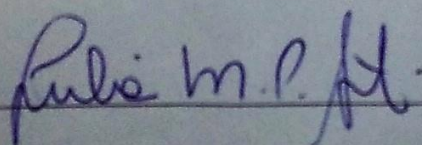


Olga Regina Zigelli Garcia

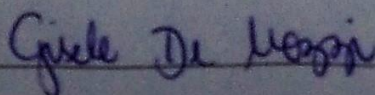
Banca Examinadora:



Daniel Machado da Conceição



Julia Mara Pegoraro Silvestrin



Gisele De Mozzi

Agradecimentos

Gratidão a Família, aos Amigos, aos Mestres e a Vida!

♪ ♪ ♫ ♪ ♭ ♪..Só agradece a esse dia que foi dado,
Agradece à natureza e o cuidado
Agradece, novo dia, nova chance de recomeçar

E graças te damos pela vida,
Pela oportunidade de cantar e ser ouvida
Graças te damos pelo amor
Esperança que inspira, luta contra o opressor

Amarelou oi, janela abriu e o sol entrou
Trazendo vida, inspiração, luz que foi Jah Jah que mandou
Ingratidão, desenvolve a missão
Dá de cara com o sistema que te julga e não te dá opção

Não tem progresso sem acesso
Pense no gueto e é isso que eu te peço
A quebrada produz, e é de qualidade
Em agradecimento faz a arte da realidade

Damos graças e louvores, agradecemos independente das dores

Diante da maldade que eu vejo na cidade
Meu desejo, na verdade, não é nenhuma novidade Paz!
Me diga quem não quer? Criança, jovem, velho, homem e mulher
Um refúgio, um lugar pra recarregar, transformar, exaltar a boa energia
Fluir da música um rio indo pro mar
Naturalmente sabe onde desaguar
O coração de quem parou pra escutar
Damos graças e louvores ♪ ♫ ♪ ♫ ♪ ♭

Marina Peralta e Planta & Raiz

...

Agradecimento especial pelo financiamento dado ao Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (GDE/UFSC) através do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) gerido pela SECADI/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação) na gestão da presidenta Dilma Rousseff (2011-2015), sem o qual seria impossível a operacionalização de um curso de dois anos de duração em cinco cidades de diversas regiões do estado de Santa Catarina. Agradecemos, sobretudo, os investimentos que durante os últimos 13 anos possibilitaram a expansão de políticas públicas de combate a fome, ao racismo, sexismo, lesbofobia, homofobia, transfobia e ao capacitismo. Infelizmente, a conjuntura política no último ano quase impossibilitou a conclusão desta 3ª edição do GDE, sobretudo depois da extinção da SECADI, que foi criada em 2004 e que possibilitou a realização de centenas de cursos com temáticas que versavam sobre diferenças, desigualdades e direitos humanos em todo o Brasil. Uma política de governo que infelizmente não se concretizou em uma política de Estado, ao contrário, vem sendo extinguida e criminalizada por diversos setores conservadores na sociedade. Que essa especialização seja lembrada como um espaço de resistência e de luta por uma sociedade mais justa e igualitária

Sumário

Introdução	8
Trajectoria: Comparando Escolas de São Paulo e de Santa Catarina	12
As unidades educativas: Batista Pereira e Ildefonso Linhares.....	15
Corpo Pedagógico.....	17
Metodologia.....	19
Violência o que é?	19
Violência de Gênero	20
Representações da Violência na Escola.....	21
A Violência nas Aulas de Educação Física e a Violência de Gênero	31
Grandes Momentos	43
Papel do Professor e as Considerações Finais	51
Referência Bibliográfica.....	56
Anexos	60

Resumo

A problemática levantada surgiu a partir da observação do grande número de meninas que deixam de participar das aulas de Educação Física, decorrentes principalmente de conflitos, agressões e das diversas formas que a violência acontece nas unidades educativas. Sendo assim este trabalho tem como objetivo analisar como se dá o processo corporal dos estudantes em suas práticas durante as aulas, juntamente das violências que acontecem atreladas as transversalidades como raça, classe social, gênero e deficiência.

As observações aconteceram durante a prática docente do pesquisador nas aulas de Educação Física, e mostraram que algumas formas principais de violência como intimidações, agressões físicas e psicológicas, provocações, bullying e exclusão contribuem significativamente para a desistência, abandono e desinteresse pelas aulas. Observamos também como o comportamento masculino tende a segregar e excluir as menos habilidosas. Constatando também que a figura e presença do profissional atuando próximo e coibindo atitudes excludentes, inibe e diminui o número de incidentes, visto que o professor aparece como pessoa mais próxima com capacidade para apaziguar, integrar e conscientizar.

Palavras-Chave: Violência na escola, Violência de Gênero, Educação Física.

Abstract

The problem arose with the large number of girls who do not participate in physical education classes, mainly due to conflicts, aggressions and the various forms that violence takes place in the educational units. Therefore, this work aims at analyzing how the students' corporal process occurs in their practices in the classes, along with the violence that happens tied to the transversalities such as race, social class, gender and disability.

Observations occurred during the investigator's classes, and showed that some major forms of violence such as bullying, physical and psychological aggression, teasing, bullying and exclusion contribute significantly to dropping out, abandonment and disinterest in Physical Education classes. We also observe how male behavior tends to segregate and exclude the less skillful. Also, the figure and presence of the professional acting near and inhibiting improper attitudes inhibits and decreases the number of incidents, thus being the teacher the next person with the capacity to appease, integrate and raise awareness.

Key words: Violence at School, Gender Violence, Physical Education.

Introdução

O espaço escolar aparece com um lugar ao mesmo tempo único e também diverso. O sentido de único está atrelado a sua singularidade, as regras e procedimentos, sua dinâmica vivenciada que remete ao novo e também ao recorrente. Nesse lugar único, sujeitos circulam, passam parte de seu tempo diário, entram em contato com o conhecimento reconhecido pela sociedade como condizente para o seu desenvolvimento e progresso constante. A busca pela homogeneidade, um dos papéis atribuídos para escola pelos funcionalista encontra o outro, um lado que distintamente demonstra ser diverso. O diverso que destaco, diz respeito as idades variadas, os valores, crenças e ideologias também variadas. São diversos sujeitos em fases distintas de suas vidas que nesse espaço interagem e desenvolvem os processos sociais que os permitem viver em sociedade.

O propósito de uma escola única, unificadora e uniforme entra em tensão constante com o diverso, o diferente ou divergente. Essa parece ser a razão de investigar esse espaço, minha trajetória pessoal como docente vivenciando escolas públicas em dois estados da federação brasileira, permite perceber os olhares que nesse jogo entre homogeneidade e heterogeneidade faz aflorar as competições e conflitos que facilmente são destacados na palavra violência. Posso destacar violências no plural, pois são múltiplas suas formas, das mais sutis com olhares e palavras, até as mais agressivas com marcas ou sequelas corporais e mesmo o óbito.

Mostrar a realidade sobre a violência presente nas unidades educativas e/ou escolas não é uma tarefa simples, é preciso muita atenção aos fatores que estão relacionados ou destacados na transversalidade e que contribuem para essas violências, entre eles estão: classe social, religião, gênero, raça e condição socioeconômica. As expressões de violência mais comuns costumam ser manifestadas através de agressões psicológicas, palavras ofensivas e xingamentos, provocações, bullying, ameaças e intimidações. Em casos mais recorrentes e graves, é comum observarmos as agressões físicas como chutes, socos, trombadas ou qualquer outro tipo de contato físico mais ríspido.

A Educação Física como componente curricular surge com uma perspectiva agregadora, pois além de educar o corpo, ensina regras e táticas esportivas, movimentos e desenvolvimento do corpo humano. Permite o ensino de habilidades

básicas e específicas da cultura corporal de movimento, promove descontração, o lazer e a ludicidade, mas embora os fatores positivos serem importantes e necessários para o convívio coletivo, infelizmente ou muito frequentemente as aulas de Educação Física são palco de constantes brigas e disputas que extrapolam seus objetivos. Os fatores positivos já destacados, no entanto, devem ser levados em consideração por promoverem não só a relação de situar o corpo frente a natureza, mas também o corpo frente aos outros corpos. Assim, destacam-se as habilidades motoras, a popularidade, a competição, o toque, as individualidades, entre outros que para Huizinga (2001) são cruciais para o desenvolvimento da civilidade humana.

Para poder analisar um pouco sobre as questões das violências na escola, esse trabalho permitiu a observação participante de duas escolas públicas no município de Florianópolis, uma localizada no Bairro Ribeirão e outra escola localizada no bairro Carianos. Ambas atendem estudantes do Ensino fundamental, anos finais. Uma escola pertencente a rede municipal e a outra a rede estadual. Os estudantes, seu público alvo, são oriundos dos mais diversos locais do Brasil, em razão da cidade possibilitar oportunidades profissionais a muitas famílias, as quais chegam e encontram nesses dois bairros as condições econômicas favoráveis para moradia e qualidade de vida.

A prioridade do trabalho foi focar para as questões da violência, especificamente, de gênero e perceber como são articuladas com os demais tipos de violência que acontecem nas aulas de Educação Física. Para isso, será necessário um resgate de como a violência esteve presente na maioria dos grandes momentos históricos mundiais, apresentado em manifestações únicas e particulares. Parece fundamental compreender que a violência abrange todas as classes e movimentos sociais e que é intrínseco de cada ser, ou melhor, parte de nossa interação social.

No mundo ou sociedade que atualmente idealizamos com os valores que coadunam um convívio com maior igualdade e com o reconhecimento da alteridade do outro, as expressões de violência tornam-se comuns a partir da necessidade de homogeneidade, assim tudo que não corresponda ao padrão esperado sofre com as pressões da valorização de apenas uma opção para o ser.

Faz-se necessário as reflexões de como estudantes deixam de se dedicar, e ter oportunidades nas aulas de Educação Física pela influência negativa da violência. Ao identificar que desde os anos iniciais é frequente a mediação de

conflitos, agressões, ofensas durante as aulas, especialmente as atividades práticas, desta forma é preciso um levantamento aprofundado sobre como esses conflitos acontecem. Já não bastassem algumas barreiras sociais que já dificultam a inclusão e participação como classe social, idade, raça, religião, deficiências, diversidade, sexualidade, origem, temos ainda a influência das diferenças de gênero, o que torna as relações mais complexas, levando em consideração as desigualdades que naturalmente estão presentes em nossa sociedade.

Desta forma este trabalho se faz útil quando almeja identificar estas condições críticas e possibilitar mudanças desde os anos iniciais do Ensino Fundamental até o fim do Ensino Médio. O Conselho Federal de Educação Física cita que:

Entende-se a Educação Física Escolar como uma disciplina que introduz e integra o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, capacitando-o para usufruir os jogos, os esportes, as danças, as lutas e as ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida. (CONFEEF, 2002)

Percebendo assim a importância da Educação Física, não podemos aceitar que estudantes estejam ficando de fora das práticas por sentirem medo, receio, vergonha, ameaças, assédios ou constrangimento por parte dos colegas ou professores.

As diferenças de gênero ficam mais evidentes em certas atividades, atreladas ao corpo, a sexualidade e a força física. Portanto o foco desta pesquisa são todas estudantes que assim se identificam e de alguma forma são mais vulneráveis pelos impactos da violência escolar. Devemos então questionar, seria a violência uma forma de defesa dos estudantes? Seria efetuada por falta de conscientização e respeito ao próximo? A estrutura escolar estaria relacionada ao comportamento dos estudantes?

Talvez esses casos de violência na escola aconteçam relacionados a alguns fatores, primeiramente pela superlotação das salas de aula. O § 7º do art. 58 da Lei Orgânica do Município de Florianópolis que estipula limite de estudantes por sala. Florianópolis já atende a estes critérios que dizem que o máximo de alunos nas salas de aula seja de 15 na educação infantil, 35 no ensino fundamental e 40 no ensino médio, mesmo assim na prática para quem está na sala de aula, ou quadra, é um absurdo, é evidente que tantas pessoas juntas em um pequeno local gerem conflitos, e tendo tantos casos para os professores intervirem fique complicado. Em

uma sala de escola pública normalmente temos um grupo heterogêneo, com diferenças culturais aparentes, bagagens diferenciadas, expectativas e formas de lidar com o próximo bem distintas. Provável que a estrutura familiar tenha impacto sobre os jeitos e maneiras de agir com os demais.

Outra provável causa de a escola presenciar inúmeros casos de violência seja a impunidade em que estamos acostumados a presenciar na sociedade. Muito do que observamos é uma reprodução de casos e mais casos. Nas questões de Gênero temos a herança machista e preconceituosa, que exclui, julga, não aceita e que zomba. Muitas garotas devem se afastar das aulas pela vergonha, medo, receio, ameaças, assédios ou constrangimento por parte dos colegas ou professores. Possivelmente tudo se articula e se relaciona, a violência é um tanto quanto complexa e polêmica, exige a compreensão dos aspectos culturais, pedagógicos, familiares e interpessoais.

O trabalho inicia com essa breve introdução no tema que se completa no próximo item que apresenta parte de minha trajetória pessoal e o olhar sobre o espaço escolar. Começo a descrever os interesses ou como a violência durante as aulas de Educação Física possibilitaram dar destaque as violências que culminam com as categorias de gênero. Posteriormente é descrito o processo metodológico. Na terceira parte trazemos algumas definições para violência, e seus tipos. Finalmente expomos algumas vivências e práticas onde as questões de gênero influenciam na participação das aulas. Na quarta parte fizemos um comparativo quanto as formas simbólicas de violência apresentada nas duas unidades observadas. Na quinta parte trazemos alguns breves momentos que foram cruciais durante nossas observações, momentos estes relevantes com as questões de gênero. E por último lembramos quais as possibilidades de intervenção e do papel do professor e as considerações finais.

Trajetória: Comparando Escolas de São Paulo e de Santa Catarina

Vivências anteriores no Estado de São Paulo mostraram a violência de uma maneira muito marcante, digo agressiva e de cunho físico. Diversas escolas observadas ao longo dos anos vivenciados como docente evidenciaram que a violência tende a ser uma forma de sobrevivência, uma maneira de se impor frente a outros, defender seu espaço, parecer e mostrar superioridade frente a determinados grupos.

As escolas no Estado de São Paulo, todas administradas pelo Governo do Estado, localizavam-se em bairros reconhecidos como periferias da Grande São Paulo, atendendo a um público jovem, carente e vulnerável. No espaço escolar eram comuns atitudes violentas por parte dos estudantes tanto fora como dentro dos muros da escola. Algumas dessas práticas violentas podem ser destacadas, entre elas: conflitos durante as atividades esportivas, desentendimentos de alguma prática, arrombamentos e furtos na unidade educativa, pichações e ameaças, violência nos corredores e refeitório, intimidação e colocação de colegas na lata de lixo, brigas na saída por conflitos amorosos, e até mesmo violência policial dentro da escola em decorrência do tráfico de drogas. Cenas essas que no cenário da escola são observadas por muitos que passam a ser tão naturais que mesmo participando indiretamente, pautam um certo consciente coletivo que acaba por influenciar o modo de agir e de se comportar perante a sociedade educacional.

Nestes casos algumas observações ficavam em evidência. O comportamento de alguns alunos era agressivo por natureza e queriam se impor através dos gestos, do falar, seguiam uma aparência em comum, os estilos de roupas, das músicas, do modo de andar e das gírias. Tais expressões marcavam um lugar, um grupo e, hoje posso perceber, também um papel de gênero reconhecido no meio sociocultural daqueles jovens. Generalizando, aparentavam uma malícia e malandragem que outros estudantes não manifestavam, assim como um modelo de masculinidade ideal e esperado.

Nas aulas de Educação Física, os valores eram reafirmados no perfil dos estudantes que posso considerar machista, os garotos “decidiam” o que queriam praticar nas aulas e forçavam as meninas a ficar em segundo plano, na sala de aula os garotos atrapalhavam às aulas e quando as meninas tentavam intervir eram xingadas e mandadas calar a boca, ou seja não tinha o poder de escolha e opinião

na sala de aula. A escola por inúmeras vezes não apresentou formas de acolhimento e intervenção eficazes em casos de vazamento de vídeos íntimos e de meninas grávidas. Questões sobre sexualidade eram muito pouco trabalhadas, inclusive não me recordo de projetos envolvendo a temática.

Em síntese, notava-se que esse comportamento era frequente e que interferia na qualidade do aprendizado. Anteriormente, minha percepção sobre a violência era vista atrelada aos conflitos e brigas (socos, empurrões e pontapés), algo muito mais ligado as vias corporais, entretanto com a nova perspectiva do curso Gênero e Diversidade na Escola, foi possível expandir essas compreensões a outras atitudes que antes não eram consideradas como violência. As ameaças, os constrangimentos, o domínio dos espaços, o boicote as aulas, a disposição dos corpos nas aulas e na escola ganharam nova conotação, um outro sentido que permitiu perceber o número de meninas que sofriam esse tipo de violência, o qual era significativo. O olhar melhor treinado e o ferramental teórico que o conhecimento presente no curso engendrou, foi fundamental para mobilizar nesse trabalho as discussões sobre violência e que são permeadas pela temática de gênero.

Em Santa Catarina, mesmo com a fala de senso comum que diz ser difícil realizar comparações com o estado de São Paulo, mediante o processo de formação sócio-histórico do sulista. Em razão das expressões reconhecidas de um estado mais tranquilo, menos desenvolvido demograficamente, que tem menores índices de violência comparado ao estado de São Paulo, atribuído a um maior afastamento dos grandes centros urbanos, assim como uma suposta menor desigualdade social, independente desses fatores durante minha vivência como docente ainda assim diariamente presencio violências. Os que destaco referentes ao preconceito e discriminação são quanto a origem, a raça¹, o bullying, as formas de falar (sotaques) e as maneiras de vestir. Destaco o quanto se faz evidente a violência de gênero pautada contra as mulheres, assim como a transfobia, estas não importando o local sempre tendem a sofrer maior violência física, e no segundo caso, soma-se a menor aceitação.

Independente de qual estado brasileiro, a realidade da violência no espaço escolar pode ser evidenciada em suas inúmeras graduações. As piadas, risadinhas, olhares, xingamentos e mesmo agressões ou abusos físicos têm no espaço escolar

¹ A expressão é utilizada como categoria de análise social.

um local em que passam a ser naturalizados durante a socialização dos inúmeros jovens, sujeitos que estão desenvolvendo seu olhar sobre a realidade, projetando seus sonhos e objetivos futuros. A escola é o segundo passo para que tenhamos adultos com valores aceitos como naturais e que atribuem sentidos e significados aos papéis de gênero e de diversidade. Por essa razão, o espaço escolar desponta como de suma importância para perceber como são construídos esses valores e, bem como, as maneiras para desconstrução dos mesmos.

A discussão experienciada na escola requer atenção, pois conforme as estatísticas do Mapa da Violência de 2015, o qual mostra o Brasil com piora no ranking do feminicídio. Apesar dos avanços da Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006), ainda assim, hoje, contabilizamos 4,8 assassinatos a cada 100 mil mulheres, número que coloca o Brasil no 5º lugar no ranking de homicídio de mulheres. Segundo o Mapa da Violência de 2015², dos 4.762 assassinatos de mulheres registrados em 2013 no Brasil, 50,3% foram cometidos por familiares, sendo que em 33,2% destes casos, o crime foi praticado pelo parceiro ou ex. Essas quase 5 mil mortes representam 13 homicídios femininos diários em 2013. Atrelado aos dados de homicídio, o Mapa também mostra que a taxa de assassinatos de mulheres negras aumentou 54% em dez anos, passando de 1.864, em 2003, para 2.875, em 2013. Chama atenção que no mesmo período o número de homicídios de mulheres brancas tenha diminuído 9,8%, caindo de 1.747, em 2003, para 1.576, em 2013.

A nível de Brasil temos que reconhecer essa triste realidade, a qual se consolida nos números informados pelo Mapa da Violência de 2015. Agora se entendermos que antes da ação surge o pensamento, e este decorre de um processo muitas vezes longo para consolidação e inculcação dos valores que passam a ditar as ações do sujeito. Teremos assim o espaço escolar, local da socialização secundária como um ponto importante para perceber como as violências são articuladas e naturalizadas.

Portanto esta pesquisa que aqui se desenvolve terá o objetivo de relatar as vivências e representações da violência de gênero na escola, focando a violência nas aulas de Educação Física aliado a um comparativo de duas escolas no município de Florianópolis. Somada a estas vivências em Santa Catarina, com as

² Mapa da Violência. Disponível em: <<http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/mapaViolencia2015.pdf>>. Acesso em 01 de outubro de 2016.

experiências de outras escolas do estado de São Paulo, a proposta visa através da observação da atuação dos vários profissionais educacionais em interação com a influência urbana nestas unidades educativas, do perfil dos profissionais, da estrutura da escola e da direção destacar as maneiras que possibilitam a naturalização ou desconstrução dos valores e ideais de gênero. Será dado destaque ao papel do professor de Educação Física, diante destas situações que envolvem as práticas e expressões corporais. Assim, dou destaque a busca por alternativas e questionamentos ao processo desenvolvido atualmente. A pesquisa, como sugere Bernard Charlot (REGO; BRUNO, 2010) é um confronto político com as autoridades, aqui abro aspas para indicar não a autoridade institucionalizada, mas a autoridade reconhecida como normativa para um viver nos papéis esperados e atribuídos ao gênero.

As unidades educativas: Batista Pereira e Ildefonso Linhares

Duas escolas serão palco para nossas observações e relatos de campo, as observações foram desenvolvidas com base nas aulas de Educação Física (EF). As escolas foram escolhidas pela facilidade do pesquisador em atuar como profissional docente nessas unidades e assim possibilitar um melhor relato acerca das práticas. O objetivo da comparação entre estas escolas é de caráter construtivo e não diferenciar qual é a melhor ou pior. Todas informações podem ser relevantes quanto ao desempenho estudantil e ocorrências simbólicas da violência. Ambas compartilham do mesmo zoneamento urbano atendendo uma população que tem na escola pública sua principal via de acesso à educação.

A primeira escola, está situada no Ribeirão da Ilha, Escola Básica Batista Pereira, administrada pela prefeitura de Florianópolis, tem um público alvo misto de perfil rural/urbano/praiano, a escola se localiza entre montanhas e a baía Sul da Ilha de Florianópolis. Atende um público de classe baixa e média em sua maioria. Possui fácil acesso a pé, bicicleta, carro e ônibus. A escola atende aproximadamente 893 estudantes sendo 452 do Ensino Fundamental, anos finais. Estruturalmente está dividida em 15 turmas dos anos iniciais e 14 dos anos finais no período matutino e vespertino com média de 30 alunos por sala.

A escola do Ribeirão da Ilha é administrada pela prefeitura e aparentemente possui uma boa infraestrutura. Funciona no período matutino e vespertino com

Ensino regular do Ensino Fundamental-Anos iniciais e finais, e no período noturno funciona com a Educação de Jovens e Adultos no Ensino Fundamental-anos finais. A escola é relativamente moderna e acessível. Possui aproximadamente 100 funcionários tanto do corpo docente quanto da limpeza, cozinheiras, manutenção e vigilância além de alguns serviços de manutenção terceirizados pela prefeitura. Possui deste quadro de funcionário 45 professores efetivos e 27 professores substitutos, também conhecidos como ACTs (Admitido em Contrato Temporário). Visualmente parece uma escola bem cuidada e conservada. Sua estrutura física é dividida em 4 blocos intercalados com salas da orientação, cozinha, refeitório e pátio. Possui salas ambientes, um ginásio poliesportivo recém reformado, quadra descoberta antiga, um pátio, estacionamento interno, ampla cozinha e refeitório, sala dos professores, sala de orientação pedagógica, sala da direção, secretaria, sala de apoio, sala multimeio, almoxarifado, dois parques infantis, sala de música, biblioteca, sala informatizada, sala de vídeo, rampas acessíveis, sala de rádio, árvores, além de 6 banheiros entre masculinos, femininos e sem distinção de gênero para o corpo docente.

O Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) é calculado com base no aprendizado dos alunos em português e matemática (Prova Brasil) e no fluxo escolar (taxa de aprovação). O Ideb 2015 da Escola Batista Pereira nos anos finais não atingiu a meta, teve queda em relação ao ano de 2013, já que é anunciado de dois em dois anos, e não alcançou a meta de 5,7, atingiu o valor de 4,8.

A segunda escola situada no bairro Carianos, Escola Estadual Ildelfonso Linhares, administrada pelo Governo do Estado de Santa Catarina tem um perfil mais Urbano pois localiza-se perto do aeroporto e do estádio do Avaí Futebol Clube, um bairro bem desenvolvido com uma grande gama de comércio e a alta densidade demográfica. Atende um público de classe baixa e média em sua maioria e tem fácil acesso a pé, de bicicleta, carro e ônibus. Atende aproximadamente 525 estudantes sendo 234 do Ensino Fundamental anos finais.

Funciona no período matutino e vespertino com Ensino regular no Ensino Fundamental-Anos iniciais e finais, e no período noturno funciona com o Ensino Médio regular. A escola é relativamente antiga e parcialmente acessível. Possui aproximadamente 65 funcionários entre corpo docente, limpeza, cozinheiras, manutenção e vigilância. Possui deste quadro de funcionário 23 professores efetivos e 27 professores substitutos, também conhecidos como ACTs. Visualmente é uma

escola conservada com manutenção em dia. Sua estrutura física é dividida em 3 blocos intercalados com pátio, 12 salas de aulas utilizadas como sala ambientes, sala de orientação, sala de professores, laboratório de informática, quadra de esportes descoberta, alimentação escolar para os alunos, cozinha, biblioteca, 2 banheiros para os estudantes e 2 banheiros para os funcionários, secretaria e estacionamento externo aberto anexo a escola. O Ideb 2015 nos anos finais a escola Ildfonso Linhares atingiu a meta e cresceu, mas não alcançou 6,0. A meta proposta era de 4,1 e atingiu 5,1.

Ambas unidades educativas atendem o Ensino Fundamental no período matutino e vespertino, alunos do primeiro ano ao nono ano do ensino fundamental, portanto esse trabalho observará o grupo de estudantes da faixa etária de 11 a 15 anos.

Um fator interessante a ser destacado é o fato de ambas escolas se localizam em volta de um bairro chamado Tapera, um bairro da periferia e que em sua maioria é residência de estudantes de classe baixa, portanto estas duas escolas atendem públicos do bairro em que estão localizadas e mais os estudantes oriundos do bairro Tapera.

Corpo Pedagógico

A Escola Batista Pereira possui maior número de funcionários na orientação pedagógica fazendo com que as ocorrências possam ser melhor atendidas e acompanhadas. Possui assim três orientadoras pedagógicas e uma supervisora escolar que se alternam para atender todos os dias da semana. Estas ficam responsáveis pelo planejamento dos professores, atividades e projetos além de resolverem acontecimentos indisciplinares e contatos com as famílias, fazem a mediação entre família-escola-estudante e professores. A direção fica responsável pela parte administrativa, gerência da escola, manutenções, compras, reuniões, calendário, ponto e frequência entre outras atividades.

A escola Estadual Ildfonso Linhares possui três orientadoras pedagógicas que se revezam e ficam responsáveis pelo planejamento dos professores, atividades, projetos e casos indisciplinares. Existe uma assessora de direção que diretamente lida com praticamente tudo que acontece na escola, e visivelmente por conta do excesso de ocorrências, aparenta ter dificuldades para lidar com tantas

tarefas atribuídas entre as circunstâncias do dia, mais os atrasos de funcionários, horários de atendimento aos pais, mediação de conflitos, horários alterados, chegadas tardias entre outros. A direção está presente na escola e lida prioritariamente com a parte administrativa e ocasionalmente atua na parte disciplinar.

Ambas escolas possuem serviço terceirizado de segurança patrimonial, na qual estes funcionários que se revezam diariamente ficam responsáveis por zelarem pela proteção do prédio e bens da unidade educativa além da entrada e saída de estudantes e funcionários. Conseqüentemente alguns seguranças ficam mais próximos e solícitos do contexto escolar, ou já fazem parte da comunidade, passam a acompanhar os estudantes ano após ano e comprometidos por uma segurança e bem-estar dos estudantes mesmo não sendo função mediar conflitos e brigas, ajudam atuando na observação e cuidados com os estudantes.

Ao meu ver o corpo pedagógico atuante tem total interferência nas questões de violência na escola. É nítido como as coordenadoras que ficam mais engajados nas questões indisciplinadas e no acompanhamento pedagógico geram melhores resultados no comportamental dos estudantes. A cobrança por bom comportamento e bom desempenho influencia no aprendizado de forma que o estudante se sente observado e acompanhado, digo no sentido Foucaultiano atribuído as instituições de controle.

Os casos de indisciplina que não raramente estão atrelados a questões de violência e conflitos são tratados de forma similares nas duas escolas. Os estudantes sofrem sanções disciplinares, afastamentos, convocações da família e até expulsões. Mas ao meu ver a Escola Batista Pereira consegue ter melhor êxito devido ao acompanhamento diário e mais aproximado. Uma equipe maior tem essa facilidade e autonomia.

Em minhas observações vejo também que ambas escolas frequentemente ficam atribuladas com casos problemáticos, desde crianças em situações de risco, em abandono ou casos de violência doméstica, as questões de vulnerabilidade e fracasso escolar são recorrentes. Nesse sentido a equipe pedagógica atua também fora da sala de aula, investiga os possíveis casos de risco e os fatores que interferem no aprendizado, segurança e bem-estar de determinado estudante mantendo canal aberto com o Conselho Tutelar da região.

Metodologia

Este trabalho foi elaborado através da observação das aulas de Educação Física. Fizemos os relatos em diário de campo observando participantes das práticas e comportamentos relacionados ao tema da violência de gênero desenvolvidos durante as aulas de Educação Física, nestas aulas analisamos as duas escolas descritas do município de Florianópolis, escola Municipal Batista Pereira e escola Estadual Ildefonso Linhares. Nas duas escolas observamos estudantes com idade entre 11 e 15 anos. Na escola municipal foram observados uma turma do 5ºano, três turmas do 6ºano, e três turmas dos 8ª anos. Na escola Estadual foram observados uma turma do 6ºano, duas turmas do 7ºano, uma turma do 8ª ano e uma do 9º ano. Em ambas escolas as turmas continham aproximadamente 35 estudantes entre meninas e meninos.

Previamente foi observado que essa faixa etária apresentava grande número de conflitos durante as aulas. Portanto passaram a ser um grupo alvo interessante e propício de se observar, para participarem os responsáveis assinaram e autorizaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido previamente, e os estudantes estavam cientes de que não seriam identificados. O trabalho foi elaborado com consentimento da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis, pela Gerencia de Formação Permanente do Município e pelas Unidades escolares.

As aulas observadas faziam parte da grade de aulas do professor e autor desta pesquisa.

Violência o que é?

A violência, desde sempre fez parte da experiência humana, esteve presente em diversos momentos da humanidade, conquistas, guerras e atualmente está seriamente vinculada no tecido social, cultural, econômico e esportivo. Seu impacto pode ser mundialmente verificado em algumas formas. A cada ano mais de um 1,6 milhão de pessoas perdem a vida segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) e muitas mais sofrem ferimentos não fatais resultantes de autoagressões, conflitos geográficos, trânsito, brigas, ameaças, bullying, agressões interpessoais, violência coletiva, esportiva e de gênero.

Krug et al (2002) nos traz a definição da OMS que explica violência como “O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio,

contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação.

Assis e Marriel (2010) dizem que a violência é um fenômeno complexo e multicausal, atinge todas as pessoas, grupos, instituições e povos, e por todos é produzida.

Krug et al (2002) ainda traz outra definição da Oms para as diferentes naturezas da violência:

- **Violência Física:** uso da força para produzir lesões, traumas, feridas, dores ou incapacidades.
- **Violência Psicológica:** Agressões verbais ou gestuais com objetivo de aterrorizar, rejeitar, humilhar a pessoa, restringir sua liberdade, ou ainda isolá-la do convívio social;
- **Violência Sexual:** Ato ou jogo sexual que ocorre nas relações hetero ou homossexuais e visa a estimular a vítima ou a utiliza-la para obter excitação sexual e práticas eróticas, pornográficas, e sexuais impostas por meio de aliciamento, violência física ou ameaças;
- **Negligencia ou abandono:** Ausência, recusa ou a deserção da atenção necessária a alguém que deveria receber cuidados.

Embora a violência estando sempre presente no desenvolver da humanidade, não devemos aceita-la como um aspecto inevitável da condição humana e social. Juntamente com a violência, sempre houve sistemas religiosos, filosóficos, políticos e comunitários que foram desenvolvidos a fim de preveni-la ou limitá-la, porém nenhum deles foi completamente eficaz, mas todos deram contribuições para melhor compreensão e prevenção.

Um grande número de ações violentas ocorre sem ser visto nos locais de trabalho, lares e mesmo em instituições sociais como escolas. A seguir veremos como essa violência acontece nas escolas e principalmente contra as mulheres.

Violência de Gênero

De acordo com a UNESCO (2015), a Violência de Gênero nas escolas e em suas imediações impede milhões de crianças em todo o mundo de cumprir seu potencial acadêmico. A violência está altamente relacionada com o abandono

escolar, fraco desempenho, baixo autoestima, depressão entre outros impactos negativos.

Krug apud Assis e Marriel (2010) cita ainda alguns tipos de Violência.

- Violência interpessoal: caracterizada pela violência de uma pessoa contra a outra e ocorre em nível familiar e comunitário, o nível comunitário inclui estabelecimentos como prisões, locais de trabalho, abrigos escolas.
- Violência familiar ou doméstica: maus-tratos e abusos que ocorrem no contexto, nas inter-relações e na comunicação da família.
- Violência auto infligida: violência auto dirigida que se manifesta de duas formas, comportamento suicida, pensamento suicida, tentativa de suicídio e suicídio e atos de violência contra si próprio como é o caso das mutilações.

É comum observarmos que durante as aulas de Educação Física as relações humanas interferem no aprendizado, desenvolvimento e qualidade de vida dos estudantes. A violência de gênero surge como um fator que discrimina, exclui e agride. Estas violências na sociedade podem ser manifestadas através de agressões físicas ou verbais, assédio ou abuso sexual e bullying.

Ainda de acordo com a UNESCO (2015), pobreza crônica, conflitos, crises, condições de vida instáveis e discriminação em função da orientação sexual, de deficiências ou de identidade étnica são barreiras que agravam estas situações de violência e discriminação.

Representações da Violência na Escola

A partir da análise destas formas de violência, podemos inicialmente debater sobre suas representações no espaço escolar por meio de ponderações como as seguintes questões:

- a) Como podemos definir a violência que ocorre no âmbito escolar?
- b) Como vemos a violência que ocorre em nossa escola?

Para estas análises devemos compreender que o cenário escolar envolve as crianças, os adolescentes, os familiares, a comunidade, além da equipe de gestores, professores e funcionários. Obviamente estas definições que apresentaremos são imperfeitas, pois uma definição gira em torno de muitos fatores, naturezas e sujeitos.

Portanto, estamos passíveis as individualidades que não se enquadram nestes casos pois falamos de relações e subjetividades.

Para responder como que a violência acontece em nossa escola, notamos que em nossas observações a violência se manifesta predominantemente em forma de agressões físicas propriamente ditas e psicológicas aos colegas e professores, xingamentos e agressividade, roubos e vandalismo ao patrimônio escolar. Trazendo para o contexto das aulas de Educação Física, a violência física e psicológica acontece com maior frequência, curiosamente alusivas ao sentimento de impunidade e machismo.

A escola Batista Pereira possui um grande número de turmas, na faixa etária que observamos que vai de 5º ano ao 9º ano existe na escola 15 turmas com média de 30 estudantes. A escola Ildelfonso Linhares possui menos turmas e algumas com menos estudantes, totalizando 11 turmas na média de 25 estudantes por turma.

O coerente seria imaginar que no local com uma quantidade reduzida de estudantes existiria menos problemas e confusão, mas eis o equívoco. Não existe uma fórmula, um dia ou turma específica. Lidamos com pessoas e cada ser é um indivíduo único que traz em sua bagagem de vida as mais diversas práticas e vivências, possuem seus costumes e sua forma de aprender e pensar, trazem consigo ensinamentos e atitudes moldadas em sua residência, na rua, escolas, com influência de comportamento de familiares, amigos, professores, entre outros que tornam cada situação especial.

Durante o período de aula, a escola fica responsável por seus estudantes e deve zelar por sua saúde e segurança, portanto atua diariamente com conflitos difíceis, mediando e fazendo todo um trabalho pedagógico e de aprendizado. É impressionante como a faixa etária que lidamos se envolve em disputas e levam essas discussões e brigas para outras aulas e momentos, fazendo com que problemas pequenos se tornem grandes com o decorrer das provocações e ofensas.

Na escola Ildelfonso, é vetado uso de uniformes de equipes de futebol, devido a provocações e conflitos já ocorridos, visto que a escola acomoda estudantes atletas do Avaí Futebol Clube, a escola assume a imparcialidade futebolística. Da Conceição (2013) mostra isso em sua pesquisa: O educar que se repele: um estudo sobre escolarização e profissionalização futebolística em Florianópolis. Essa prática

foi instaurada pensando-se em não gerar atrito, evitando a formação de grupos rivais pautados no clubismo.

O professor de Educação Física tem um olhar privilegiado ao mesmo tempo que desafiador, pois normalmente em seus deslocamentos dentro da unidade escolar, entre trajetos de pátio, quadra, ginásio, salas e refeitório, o professor tem oportunidade de se inteirar dos assuntos que a escola convive, é comum intervirmos quando observamos alguma criança dispersa no pátio, chorando em algum canto, fugas de sala de aula, jogos e brincadeiras no intervalo, entre outros exemplos. Talvez a proximidade com os estudantes e a intimidade com a Educação Física por tradicionalmente ser uma aula mais prazerosa e desejada, possibilite o professor ser interpretado como uma pessoa confiável, amiga e prestativa, assim é frequente os estudantes relatarem seus problemas. Normalmente em casos de brigas e conflitos, observa-se muita reclamação com seus colegas de classe. E um relato comum entre professores das mais variadas disciplinas é que perdemos muito tempo de aula resolvendo brigas, acalmando e orientando.

Fato esse é mostrado na Pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizagem (TALIS – Teaching and Learning International Survey, 2013) onde se afirmar que os professores brasileiros são os que declaram passar mais tempo mantendo a ordem em sala de aula (19,8%) entre todos os professores participantes da pesquisa. Os professores brasileiros gastam, em média, 20% do tempo de aula mantendo a disciplina na classe, segundo levantamento internacional.

A Pesquisa de TALIS investigou o ambiente de ensino e aprendizagem em escolas de educação básica de 34 países durante os anos de 2012 e 2013, e nos trouxe alguns dados importantes que fundamentam as práticas do nosso cotidiano:

- No Brasil, mais de um terço dos professores (34%) estão em escolas cujos diretores afirmam que verificam intimidação ou ofensa verbal entre os alunos semanalmente.
- O Brasil (12%) e o México (13%) apresentam também o maior percentual com relação à frequência de ocorrências de vandalismo e furto.
- Nas escolas brasileiras se verificam os maiores percentuais de ocorrência de intimidação ou ofensa verbal a professores ou membros da equipe escolar (12%), e uso/posse de drogas ou bebidas alcoólicas (6,9%)

O Brasil é o local onde os professores dedicam o menor tempo médio em sala de aula com ensino e aprendizagem de fato.

Observando o cotidiano escolar notamos também o quanto herdamos culturalmente as intersecções de classe como raça, religiosidade, gênero, deficiências e sexualidade. Cotidianamente as pessoas se desrespeitam, tomam atitudes egoístas e o preconceito racial acontece discriminadamente. Entre as conversas e casos presenciados na escola temos famílias de classe baixa em que a mãe é condicionada ao lar, origem negra e humilde. Crianças em que o pai fugiu da responsabilidade da criação, e deixou para mãe a tarefa de cria-los. Essa cena se repete em diversas famílias. Mulheres que sofrem violência doméstica, mulheres que não tem direito ao corpo, servem somente aos interesses e desejos de seus parceiros. A desigualdade social e todas essas influencias do cotidiano de certa forma atingem as crianças em forma de intolerância, desrespeito, agressividade.

É comum a discriminação por raça na escola, desde os anos iniciais até os anos finais, crianças que promovem intolerância por repetição, aprendem velhos hábitos e falas em casa e na mídia, repetem na escola a falas discriminatórias.

A questão racial na escola infelizmente é usada propositalmente para ofender os colegas em momentos de conflitos, o termo macaca quase sempre aparece nesses conflitos, e curiosamente é falado até por outros alunos de cor negra, ou seja, nas provocações e conflitos, se sai melhor aquele que expõe mais o “inimigo”, partindo para o ataque verbal quanto a aparência, raça, família e gênero.

Nas escolas temos estudantes descendentes de origem asiática, indígena e mulçumana. Estes também passam por desafios de convivência, preconceitos e estereótipos. Os apelidos surgem influenciados principalmente pelo fenótipo, cor de pele, olhos puxados, nariz e outras características físicas.

O mais grave ao meu ver, que aliena e manipula a sociedade, atrelado a essas transversalidades temos a religiosidade! Esta que na maioria das vezes é direcionada por interesses, manipuladora, machista, sexista e corrupta. Aproveita-se da ingenuidade e do poder para corromper, violentar, lucrar e amedrontar o povo, agindo somente pelo interesse próprio.

A escola é o espaço destinado ao aprendizado, a cidadania, um local onde a diversidade não deveria ter barreiras. A violência em suas mais variadas formas atrapalha o aprendizado, a reação em cadeia onde outros temas vão sendo

prejudicados, esquecidos e não abordados em sua totalidade, como é o caso da religiosidade.

Nas escola já foram observados alguns relatos preconceituosos com relação as temáticas das religiões africanas, os estereótipos, e claramente ainda existe o preconceito sem o devido conhecimento, é difícil ver abordagens contemplando o resgate da cultura Afro-Brasileira, desde o resgate cultural, religioso, danças, vestimentas, e ainda assim quando ocorre esses resgates bem elaborados e esclarecidos por alguns professores que realmente sabem da importância e relevância encontram empecilhos e boicotes de determinados estudantes e famílias. É fato que alguns estudantes se incomodam com a abordagem devido a suas religiosidades, que confrontam com esse resgate cultural-religioso Afro-Brasileiro, portanto parte do professor tentar conciliar essa problematização.

Particularmente considero que a escola não demonstra, nem respeita a laicidade que diz considerar. As unidades escolares acabam tendo influencia religiosa, acabam impondo projetos e atividades excludentes, como exemplo das festividades como o Carnaval, Pascoa, Festa Junina e Natal. Além de feriados religiosos como Corpus Christi, dia de Nossa Senhora entre outros. Os estudantes são mobilizados em razão de participarem da decoração, danças e atividades.

A escola dificilmente oferece atividades a respeito da diversidade religiosa, mesmo o Brasil sendo um país multicultural e plurirreligioso, observa-se o silenciamento da diversidade religiosa na escola. E frequentemente existe o relato de que em outras unidades existe praticas religiosas com músicas, orações, imagens, frases, ou símbolos pelo ambiente escolar. Dificilmente observa se na escola projetos que investiguem e vivenciem diferentes espiritualidades, desde as religiões africanas, (estas quase sempre prejudicadas pelo preconceito), entre outras como o judaísmo, islamismo, espiritismo, budismo, hinduísmo, religiões dos povos tribais da África Negra.

Junqueira (2009) apud Welter e Candido (2015) cita que estas características muitas vezes não são respeitadas, e geram o que chamamos de “pedagogia do insulto” na qual piadas, brincadeiras, jogos, apelidos, insinuações e expressões desqualificantes, diante daquelas que não se ajustam aos padrões de gênero e de sexualidade admitidos na cultura em que vivem. Enfim, acabam sendo hostilizados

excluídos e expulsos destes ambientes. Neste momento se percebe o quão importante é a ação pedagógica, na qual o profissional deve intervir imediatamente.

Welter e Candido (2015) afirmam que toda forma de discriminação interfere nas expectativas de sucesso e rendimento escolar; produz intimidação, insegurança, estigmatização, segregação, isolamento; estimula a simulação para ocultar a diferença; gera desinteresse pela escola; produz abandono e evasão, tumultua o processo de configuração e expressão identitária, levando inclusive a tentativa de suicídio.

Ideal seria a escola proporcionar debates, vivências e oportunidades para que estes estudantes mostrem suas origens e cultura, que assumam sua identidade e que sejam respeitados, independentemente de suas escolhas e dificuldade, que possam ser ouvidos e assim promover o aprendizado contextualizando e problematizando estas abordagens.

Em nosso cotidiano escolar outras anotações foram importantes, como é o caso dos estudantes com deficiência. A escola deveria estar preparada para promover a acessibilidade e inclusão destes estudantes, mas encontram barreiras sociais que dificultam a inclusão. Estas barreiras citadas por Gesser e Nuemberg (2016) além de impedir o acesso contínuo ao espaço comum da vida em sociedades, impedem também o desenvolvimento e aprendizado destes, exatamente onde nosso tema se relaciona junto a exclusão.

Primeiramente nas escolas vemos as barreiras arquitetônicas que dificultam a locomoção física, a falta de rampas, elevadores, calçadas rebaixadas, sinalização horizontal e sonora, e tantas outras adequações em ambientes como salas de aula, laboratórios, corredores, secretaria, diretoria, sanitários, refeitório, portão de entrada, pátios, jardins e estacionamento. Estas modificações permitem a locomoção com maior autonomia.

As barreiras comunicacionais observadas, dificultam a comunicação, o diálogo e compreensão entre linguagens e interpretação. Para facilitar temos a utilização de interpretes, linguagens específicas, tecnologia com aplicativos e programas digitais, além da escrita como jornal, apostila, revista, livro, em braile e com letras ampliadas, lupa e outras diversas tecnologias assistivas para se comunicar.

As barreiras metodológicas e pedagógicas dizem a respeito das estratégias de ensino, didática, formas de ensino, atividades adaptadas e avaliações, obviamente é necessária uma atenção quanto as estratégias para cada caso específico de deficiência.

Existem também ainda as barreiras instrumentais que dizem respeito a eliminar barreiras nos instrumentos, objetos, ferramentas e utensílios de estudo. Com tecnologias assistivas, incorporadas em lápis, caneta, régua, teclado de computador, quadros de comunicação aumentativa, são formas de facilitar o aprendizado e uso destes instrumentos.

E por último, mas não menos importante temos a barreira atitudinal que de acordo com Gesser e Nuemberg (2016) diz que esta relação entre duas pessoas gera uma posição desfavorável significativamente diferente e que pode expressar preconceito, marcando suas trocas sociais negativamente. Para expressar essa barreira atitudinal citam ainda duas políticas sociais. A primeira chamada de política do “Avis Struthio” que tem como característica ignorar e não considerar o lado desagradável das coisas. É como fingir que nada de ruim ao redor esta acontecendo. Essa atitude invisibiliza a pessoa com deficiência e segrega ainda mais. A segunda política chamada de “Leite de Procusco” cita que a pessoa deve se enquadrar rigorosamente em um padrão de qualidade e rendimento, nessa política a deficiência é entendida como que deve ser curada, sendo assim produz barreiras para as pessoas que não se enquadram nesse perfil.

A proposta para ajudar a superar estas dificuldades são eliminar preconceitos, estigmas, estereótipos e discriminações. Elaborar projetos de sensibilização e de conscientização, Além da própria convivência na diversidade.

Enfim, para quem tem deficiência, literalmente precisamos estreitar as barreiras e eliminar o máximo possível das dificuldades, essas atitudes promovem maior autonomia e qualidade de vida.

Acredito que cada vez mais as unidades educativas encontram em suas estudantes oportunidades para abordar temáticas das mais variadas situações, e claro, se observa estudantes que se encaixam no tema homo-lesbo-transfobia, e com essa oportunidade surgem duvidas e desafios.

Um grande desafio é a abordagem e explicação das dúvidas sobre identidade de gênero e orientação sexual que as crianças e adolescentes apresentam, desafios

de como iniciar a conversa de forma segura e explicativa, não expondo ninguém e sabendo que famílias podem intervir contra.

Observa-se que muitas crianças e adolescentes em momentos de conflito usam o preconceito como forma de discutir e ofender as colegas, quando faltam argumentos ouve se “bichinha, veado, sapatona”. Em diversos momentos estes estudantes agredidos verbalmente não reagem, esses agressores normalmente tem um perfil violento, folgado, machista e popular entre os estudantes que percebemos “não querer nada com nada na escola”. Em alguns casos já observados, esses alunos agredidos revidaram de modos diferentes com frases “vou te enche de porrada e tu vai ver a bichinha, bichinha teu pai”, e alguns trazem o problema para o professor ou direção, pois se sentem ameaçados e coagidos.

As grandes maiorias dos estudantes respeitam a orientação sexual dos demais colegas. Em alguns casos observa-se que a popularidade positiva e negativa, é um fator que ocorre com frequência com estes estudantes homo-lesbo-transsexuais. E de certa forma é comum perfis que gostam de chamar atenção, com brincadeiras, falar alto e liderança. Já os que aparecem com liderança de forma negativa, sendo implicante, briguento ou de egocêntricos acabam sendo taxados e até perseguidos pelos demais, causando os estereótipos.

É fato de que a escola deve manter seu papel de ensinar, e ensinar o respeito ao próximo deveria ser primordial, mas não é sempre assim que acontece, enquanto observamos que falas homofóbicas acontecem e acontecem impunemente, será difícil conseguir mudanças comportamentais. Até mesmo profissionais das escolas se mostram preconceituosos ou intolerantes, já observei falas a respeito do tema bem infelizes, do tipo “não é normal dois homens juntos”, arrisco citar que o perfil de pessoa religiosa e conservadora, implica em sua formação e opinião.

Por último entre as transversalidades observadas, retratamos a sexualidade, um dos temas mais polêmicos, pois envolve a questão familiar e princípios religiosos. Uma fala importante que ouvi de uma colega a respeito do tema, define o papel da parceria da escola, da importância da abordagem do tema, do respeito e como o gênero está altamente relacionado aos casos de violência.

Discutir gênero e sexualidade no espaço escolar é importante porque a sexualidade é uma dimensão humana. Ora, se o objetivo da escola é potencializar o desenvolvimento do ser humano e socializá-lo, por que uma dimensão humana deveria ficar de fora? Outra razão é o fato de a escola ser o lugar por excelência para a construção da cidadania. E faz parte da cidadania, de ser um cidadão, respeitar

toda a diversidade - de identidade de gênero, etnia etc - de que a sociedade é composta. E como será possível respeitar se não se conhece? Além disso, as questões de identidade de gênero e de orientação sexual estão muito mais presentes na vida e no dia a dia dos alunos do que imaginamos. Independentemente de a escola discutir o assunto ou não, eles vão vivenciar sua sexualidade, vão se afirmar como gênero e seguir sua orientação sexual. E a escola pode e deve ser parceira deles para que possam se desenvolver de forma saudável, respeitando-se a si mesmos e aos outros, sabendo fazer boas escolhas, tendo informação e conhecimento sobre o assunto.

Por último, discutir gênero e sexualidade nas escolas é importante como forma de prevenir a violência - doméstica, sexual, verbal, simbólica, o machismo, a homofobia e o feminicídio. Pesquisas revelam que só aqui em SC morre uma mulher por dia vítima de feminicídio, que é o assassinato de mulheres por motivação banal, apenas por serem mulheres (dado do Laboratório de Sexualidade da UDESC - LABSEX). A escola não pode fechar os olhos para essa realidade. A criança que está submetida à alguma espécie de violência ou presença violência, possui três vezes menos chance de sucesso escolar do que as outras. Como não levar essa questão em consideração e abandonar a discussão de gênero, sendo que a maior parte das violências praticadas contra a criança e adolescente tem questões de gênero em sua raiz. (Gabriela- Colega Orientadora)

Importante fala que visa a prevenção, o respeito mútuo, atinge não somente as estudantes, mas também sua família. Inúmeras vezes foi debatido em conversas informais no canto da quadra sobre como a mulher é desvalorizada, como as meninas são tratadas de forma diferente em casa, comparadas ao irmão. Que com a mesma idade dos irmãos e não podem namorar, ou sair anoite. É comum ver meninas que buscam igualdade nos jogos, nas tarefas, de serem líderes e que não se submetem a ser inferiorizadas perante aos meninos. Entretanto é habitual escutar falas de meninas que dizem que em casa as tarefas de limpeza, cozinha e cuidar dos irmãos são exclusivamente delas e das mães, enquanto pais e irmãos sequer ajudam ou desfrutam de outras atividades menos exigentes. Nesse momento a escola se mostra pertinente e determinante afim de promover esse aprendizado. Com tantas falas acontecendo em uma roda de conversa informal, muitas meninas e meninos escutam e percebem que em suas residências acontece exatamente o mesmo, fato é que muitos ainda precisam apurar o senso crítico e de reflexão para notar essas desigualdades e buscarem ser diferentes.

As questões de sexualidade na escola surgem como forma de quebrar o machismo e da promoção ao respeito.

Com as turmas dos anos iniciais e finais, em ambas escolas meninos e meninas já vivenciam a paquera, ficadas as escondidas, descobertas e conflitos de sentimentos, ciúmes, posse, entre outros. Tudo aconteceria normalmente se não fossem os conflitos e quando o assunto é sexualidade vemos de tudo, conflitos e disputas amorosas, choros, provocações.

O tema sexualidade surge na escola como um tema que auxilia as estudantes para as dúvidas, esclarecimentos, mitos e verdades, reprodução, métodos contraceptivos, e a nova perspectiva que visamos é que aborde a questão do prazer, desejos, respeito dos corpos e das individualidades.

Fato é que meninos precisam respeitar o “não” e o corpo alheio. Muitos estudantes cresceram já com pré-conceitos errados a respeito do jeito das meninas se portarem independentes, de expressarem suas escolhas, da forma de se vestir, enfim muitos julgam e denigrem a imagem da mulher frente a estes preconceitos. Surpreendentemente já ouvi falas de pais e mães que possuem opiniões conservadoras do tipo “os meninos estão na fase da adolescência e ai a menina vem com shorts curto”, “com essa roupa também elas não querem que mecham com elas? ”, “meninos podem namorar, meninas tem que se guardar”.

Exatamente por afirmações conservadoras e sexistas, um dos grandes desafios quanto a violência de gênero está ligada com a sexualidade, pois muito da bagagem que estes estudantes possuem a respeito do tema foi aprendido em casa, na rua, e em grande maioria o machismo está embutido formando opiniões que oprimem e desqualificam as mulheres.

Quanto aos relacionamento, namorar ou ficar são as mulheres que continuam tendo os apelidos pejorativos como “vaca, vagabunda, puta, cachorra” e os meninos “pegador, garanhão”, muitos destes desde cedo já ouviram em casa “esse vai da trabalho” enquanto as meninas ouviam “só vai casar depois dos 30, senta de pernas fechada” e assim são moldados nossos jovens, com instruções confusas, e a escola torna-se o local que possibilita o conhecimento.

Uma das propostas é abordar também a questão do prazer e não somente a tradicional aula do ensino dos métodos contraceptivos, visto que desperta grande interesse por parte dos estudantes, mas acima de tudo precisa de uma orientação com fala segura e esclarecedora, desvinculada de princípios religiosos, na qual muitas famílias ainda se prendem acima da ética e moral.

Estas transversalidades ocasionalmente aparecem de forma mais intensa nos conflitos e violências simbólicas³.

O conceito de violência simbólica foi criado pelo francês Pierre Bourdieu para descrever o processo pelo qual a classe dominante impõe seu modo de pensar ao resto da sociedade. Quando se fala em classe dominante, não se deve restringir a ideia ao processo econômico, há também o domínio cultural e intelectual. (OLIVEIRA, 2015)

Neste sentido, Oliveira (2015) diz que para Bourdieu, a escola tem um papel fundamental na legitimação da violência simbólica. O conteúdo transmitido nas escolas atende a uma fatia muito específica da população, normalmente a classe dominante. Ignora-se as vivências intrínsecas e experiências interpessoais dos alunos fora da sala de aula, a diversidade que compõe o espaço escolar é desconsiderado e elimina-se os processos de igualdade. Esse tipo de violência induz os estudantes a se posicionar e ter atitudes seguindo critérios e padrões do discurso dominante.

Durante nossas aulas a discriminação pela identidade e orientação sexual foram uma das formas de violência aparentes. As estudantes com deficiência também são um caso que requer atenção, pois sofrem uma violência mais discreta, quase invisível, a exclusão, acabam por ficando sem participar, sem socializar como os demais. Estes dois aspectos requerem dos profissionais um olhar mais atencioso, preventivo e inclusivo.

Por estes breves relatos presenciados nas escolas públicas, esperamos contribuir para a formação e conscientização. A escola tem a missão de colaborar com a construção da cidadania e promover oportunidade para todos devendo coibir tais atitudes preconceituosas, excludentes e violentas que citamos e só desconstroem o trabalho de conscientização e igualdade.

A Violência nas Aulas de Educação Física e a Violência de Gênero

As aulas de educação física possuem objetivos impares e de caráter lúdico e característicos da área como: competição, socialização, integração, recreação

³ Violência simbólica é um conceito social elaborado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu no qual aborda uma forma de violência exercida pelo corpo sem coação física, em que causa danos morais e psicológicos.

atrelado ao conhecimento e aprendizado das habilidades físicas. A Educação Física além das atividades físicas, jogos e brincadeiras adentra também em temáticas sociais, culturais, econômica, além de trabalhar interdisciplinarmente com as demais disciplinas gerando um aprendizado mais amplo e diversificado.

Educação Física, ou o esporte como prática cultural, incorpora valores sociais, culturais, econômicos e estéticos de uma dada sociedade historicamente organizada, sendo realizado em diferentes espaços sociais e culturalmente apropriado de múltiplas formas. Esses objetivos conduzem o desenvolvimento das habilidades motoras junto ao avanço do senso crítico, raciocínio, lógica, cooperação e união. (VAGO, 1996)

O esporte escolar traz consigo um outro ponto de vista crítico, não muito favorável, é comum atrelarmos o esporte com a competição, comparação, popularidade, performance e vitória. Vago (1996) ainda cita que o esporte incorpora (ou já é mesmo criado com) os valores estimulados por este modelo: a competição, a classificação, a seleção, a comparação, a performance, a vitória.

Sendo assim, os praticantes que não atingem esse status acabam ficando marginalizados e excluídos nas práticas. De certa forma é uma violência que prejudica significativamente a interação e a participação. A mídia é uma das responsáveis por esse padrão de comportamento onde o vencedor é enaltecido e os demais não são reconhecidos pelos seus feitos. No Brasil é comum esse comportamento onde a seleção do mais habilidoso prevalece sobre o menos habilidoso, provocando baixa autoestima, exclusão, abandono escolar, inimizades e gerando assim mais conflitos e violência.

O sistema de ensino e suas instituições promovem uma educação pautada em uma *cultura valor* que para aqueles que estão com ela familiarizados garante uma maior acessibilidade ao conjunto de mecanismos e elementos que contribuem para a permanência na escola (MEZARROBA e DA CONCEIÇÃO 2014)

Outra forma de comparação são os estudantes que não se enquadram nos moldes dos padrões de beleza acabam tendo impasses. A indústria da beleza já adentrou há tempos na escola e influencia desde ao comportamento, participação nas aulas, vestimentas e matérias esportivos. Novamente é Vago (1996) que cita esses aspectos, ser esportivo, aparentar boa forma física, já quase não é uma opção, mas sim uma imposição social. Ligada a este boom do corpo ou das práticas corporais, temos o boom da indústria do lazer e dos materiais esportivos.

As observações feitas durante as aulas confirmam casos de violência gerando baixa autoestima, onde as chacotas e bullying acontecem com aquelas que não se enquadram nos padrões de beleza, por serem de menor estatura, magras ou gorda demais, terem pelo no buço, cabelo enrolado entre tantas outras diferenças físicas. As aulas de Educação Física são ideais para que possamos observar casos de violência na escola. É um momento em que os estudantes utilizam o corpo para expressar sua corporalidade, seus desejos, suas vontades. Conflitos e desentendimentos foram frequentes durante as aulas. Questões de jogo, problemas do cotidiano, desavenças comportamentais, a maioria dos estudantes convivem juntos há anos, e com o tempo as relações aparentaram desgaste, visto isso, foi que algumas das medidas disciplinares que a escola encontrou para amenizar estes conflitos foi a mudança de sala e introdução de novas amizades. A faixa etária de 11 a 15 anos abrange uma fase de descobertas, afetividade, conquistas, timidez, hormônios e puberdade, além do que, percebemos que existem muitas diferenças de um grupo para outro por mais próximos que o convívio e a idade aparente.

Nestas escolas, os grupos são muitos distintos, por exemplo, na escola Batista os grupos aparentam ser mais infantis, imaturos, as brigas costumam ser por objetos, provocações de pega-pega, provocações de quem gosta de quem. Gostam muito dos jogos mistos e brincadeiras mais dinâmicas.

Na escola e Ildelfonso Linhares os grupos aparentam ter uma maturidade mais acentuada, mas não para os estudos ou responsabilidades e discernimento atitudinal, digamos que já despertaram a malícia, maldade em certos casos, artimanhas e esperteza para aquilo que é de interesse pessoal, a sexualidade mais presente e aflorada pelos comentários, músicas e falas. E complementando não gostam tanto de jogos mistos e acabam por não ter uma participação satisfatória.

O esporte que penetra o espaço escolar é o esporte criado e praticado culturalmente na sociedade, com interesses diversos e conflituosos, certamente. Esse esporte é escolarizado e incorporado à cultura escolar. (VAGO, 1996)

Algumas turmas da Escola Ildelfonso Linhares possuem estudantes-atletas do Avaí Futebol Clube, esses garotos precisam estar matriculados no Ensino Regular como pré-requisito para atuar nos torneios e jogos. Durante as observações percebeu-se o quanto que esses garotos influenciam no comportamento dos demais na escola. Esses garotos alguns em idades avançadas vieram das mais diversas regiões do Brasil, como Nordeste, Sudeste, Norte além das proximidades, acabam

trazendo diversas manifestações culturais, vivências e conhecimentos, algumas destas experiências são boas e outras não. As relações de poder, abuso, machismo e popularidade que fazem parte da cosmologia do jogador de futebol no Brasil, são expressadas pelos jovens atletas. Alguns destes já moram sozinhos na cidade de Florianópolis, e seu ciclo de amizades na escola costumam ser os meninos que frequentam e conhecem no clube. Essas relações foram descritas durante a pesquisa desenvolvida por Da Conceição (2014), ao investigar as relações dos atletas alojados do Avaí com a escola e a sua relação com o saber transmitido por ela.

Uma das formas de violência que frequentemente acontece em ambas escolas é a exclusão, em forma de ironias, chacotas e provocações. Alguns grupos de meninos negam à vontade de participação das garotas na quadra principal, alegando que elas não precisam jogar na quadra, que não gostam, que jogam mal ou não possuem a habilidade necessária para a modalidade esportiva. Ao refletir sobre a violência e as várias formas, podemos considerar esse tipo de ação como uma forma de bullying. O bullying é uma das violências apresentadas nas aulas de Educação Física.

É a mais primária forma de violência, que pode manifestar-se por palavras, gestos e ações, e tem na linguagem gestual e verbal sua concretização mais comum, pois geralmente começa pela chacota e humilhação verbal, podendo ou não vir acompanhada de ações que discriminam e atemorizam. (OLIVEIRA e VOTRE, 2006)

Obviamente, ao presenciarmos estes fatos o papel do professor é intervir com seriedade, e conscientização. Abordamos as questões do respeito, valor, importância e integridade. Não raro, se observa que mesmo depois da orientação e debate com o grupo quanto as questões de divisão do uso pelos direitos iguais e não por habilidades, alguns meninos jogam de forma errada, forçada, cobrando e criticando alguma situação afim de desestimular a participação e provocar a saída das meninas e outros meninos.

Outro exemplo observado quanto as questões de gênero é a auto exclusão, o abandono feminino das atividades de Educação Física em meio a aula, é comum algumas desistirem por acharem a atividade árdua e fatigante. É relevante citar também que é usual saírem em duplas ou trios, uma desestimula a outra a sair para não ficarem sozinhas, preferem sempre andar em grupos com quem tenham afinidades, lembrando que aqui não estamos levantando ou culpabilizando as

hipóteses do abandono, apenas relatando uma atitude que se banalizou e que tende a atrapalhar o andamento das atividades, e fazendo com que alguns meninos tenham êxito ao boicotar as participações femininas.

Alunos da Escola Batista inicialmente aparentam ser em maioria mais tolerantes e respeitosos com seus colegas, gostam de ajudar e compartilhar materiais e jogos. Se mostram interessados e em maioria interessados as novas atividades. Na escola Ildefonso a maioria reluta em brincar e jogar misturados, dependendo da atividade, acham muitas brincadeiras bobas, é visível essa vivência com a sexualidade mais acentuada, pois em suas falas já expõe o conhecimento que possuem acerca do tema, em brincadeiras mal gosto, as vestes, ironias e malícias.

A Educação Física aparece nas aulas ajudando desconstruir essa relação de gênero e a imposição o machismo e a relações de poder durante as aulas. As meninas são consideravelmente participativas e cobram os mesmos direitos, além disso a educação física proporciona debates a respeito do corpo, da saúde e atividade física, alguns dos vários pontos positivos da Educação Física, por outro lado observamos que o esporte às vezes segrega. No artigo “Os herdeiros: questões sobre o campo esportivo”, Mezzaroba e Da Conceição (2014) discutem como o componente curricular EF acaba por reproduzir o alto rendimento e a valorização dos mais adaptados.

Tal questionamento foi realizado por Vago (1996) ao descrever o esporte na escola e esporte da escola. Muitas meninas acabam ficando isoladas das aulas por vergonha, pela reclamação constante dos colegas, pela perturbação e críticas, e essa exclusão acaba afastando e rejeitando essas potenciais estudantes, menos habilidosas, pessoas com deficiência, estudantes que assumiram essa identidade feminina, transexuais e outros grupos. São alguns aspectos que mostram as diferenças corporais, psicológicas e sociais. Geralmente a Educação Física traz muito mais valores a agregar do que desvantagens nessas praticas, para alguns estudantes a Educação Física é um dos momentos mais aguardados pois está associada ao lazer, a diversão, promove a socialização, interação entre os corpos, desafios e competição, autoestima, além de trabalhar com temas interdisciplinares relacionado as questões de saúde, natureza entre outras.

Saraiva (1999) traz as consequências oriundas das práticas sexistas na área da Educação Física, e podem ser remetidas a três campos:

- a) bio-fisiológico – (relacionado com a performance). Neste, o aspecto motor feminino fica consideravelmente prejudicado em função da pouca oportunidade de participação em atividades corporais, tendo como parâmetro as oportunidades de jogos esportivos oferecidas aos meninos.
- b) psicológico – a aceitação da superioridade física do menino, por parte das meninas, muitas vezes leva as mesmas a uma espécie de acomodação e dependência, diferentemente dos meninos que são, desde muito cedo, estimulados para a independência.
- c) social – em decorrência de uma série de fatores, por exemplo, os dois campos. Anteriormente identificados, facilmente se deduzem as consequências para o papel social de ambos os sexos.

Estas práticas sexistas geram estereótipos e obstáculos para que o aprendizado aconteça, desconsidera-se a capacidade e conhecimento real, rebaixa suas experiências motora e vivências anteriores e minimizam seu potencial para novas atividades.

Junior (2002) traz também seu ponto de vista a respeito de como a sociedade está acostumada a lidar com as diferenças entre meninas e meninos.

Nesse sentido, certas características, tais como: capacidade de decisão, inteligência, o lugar do espaço público são dotes naturais aos homens, enquanto a delicadeza, os sentimentos, o cuidado destina-se às mulheres. Assim, o conceito de gênero, que se pressupõe fundado nas diferenças biológicas dos sexos, enfatiza as divisões sociais culturalmente construídas, evidenciando um processo de educação (escolar ou não) cujas condutas são, através de certos sentidos/significados, ensinadas/aprendidas via movimentos corporais que, também, são considerados “naturalmente” masculinos ou femininos. (JUNIOR, 2002)

Nessa razão vemos como a construção social do masculino e do feminino sempre esteve aliada a uma visão dividida entre corpo e intelecto, exigindo assim, nas aulas a separação de meninos e meninas tanto em termos de padrões esportivos quanto em normas e gestos a serem executados. *Haertel (2007) reforça estas afirmações e citando o conceituado Altmann (1998), no qual mostra a separação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física durante anos, foi*

um dos diversos motivos que reforçou as diferenças de gênero e também não preparou os (as) educadores (as) para atuar em grupos mistos, numa perspectiva de romper as barreiras criadas entre meninos e meninas.

Culturalmente vemos esta dificuldade nas aulas de Educação Física, conseguir conciliar meninos e meninas não é tão simples, é uma tarefa complicada e que exige certo planejamento. Diversos aspectos têm que ser levados em consideração, como local da prática, número de participantes, perfil da turma, materiais disponíveis, atividade adequada a maturidade.

Observamos a dificuldade de participação mista em virtude principalmente pelo conteúdo das aulas. Ambas escolas no início de algumas atividades mistas, as turmas costumavam ter um comportamento de desaprovação pela aula não ser de futebol e vôlei, depois tivemos a dificuldade da concentração para explicações mais elaboradas, compreensão das normas e regras de determinada atividade. Mesmo com a resistência inicial, tivemos uma participação mista mais efetiva nos casos de atividades inéditas, principalmente atividades que não exigiam disputas e contato físico, sendo assim nota-se fundamental a questão dos temas escolhidos. Entretanto independente do conteúdo, como já citamos, alguns outros fatores atrapalharam a participação das meninas além das questões que já abordamos como: conflitos, contato físico, provocação, menor habilidade, boicote dos meninos, além destes, temos alguns mitos não muito comuns hoje em dia mas consideráveis para compreender a evolução da educação física escolar.

Através dos anos algumas crenças quanto as participações das mulheres, foram influenciadas por desconhecimento técnico e primazia, gerando assim falsas informações que acabam por desmotivar e desprestigiar a participação feminina.

Observamos isso nas falas de Junior (2012) quando cita um artigo do Comitê Olímpico Internacional de 1986.

Nesse sentido é que foram produzidos alguns mitos quanto à participação da mulher no esporte: "a) exercícios e esportes causam danos para o sistema reprodutor da mulher; b) as mulheres não têm a mesma capacidade de resistência que os homens, podendo causar danos à saúde; c) as mulheres têm estrutura fraca, sendo facilmente sujeitas a lesões e; d) o esporte masculiniza a mulher. (JUNIOR, 2012)

Destas falas, a mais comum e que ainda se ouve com frequência nas aulas é de que as mulheres são fracas e facilmente se machucam, algumas meninas já relataram esse sentimento de se sentirem mais fracas comparadas aos meninos,

quando na verdade duas hipóteses observadas são de que elas estão mais sujeitas a se machucarem pelo fato de não terem desenvolvido a coordenação motora tão bem quanto a maioria dos meninos, ou porque normalmente os meninos chegam em disputas com força excessiva, isso acaba provocando acidentes e o estereótipo de que meninas são fracas além de terem internalizado o discurso de submissão e fraqueza.

Corsino e Auad (2012) dizem que em suas pesquisas as meninas queixavam-se de que os meninos eram violentos, e os meninos reclamavam que as meninas não sabiam jogar. Haertel cita também que em suas pesquisas mais da metade dos discursos, meninos e meninas comentaram da “diferença” de força entre meninos e meninas, e acreditam que este seja o maior empecilho para praticar aulas mistas.

Na escola, não se pode afirmar que as meninas são excluídas de jogos nas aulas de educação física apenas por questões de gênero, pois o critério de exclusão não é exatamente o fato de elas serem mulheres, mas por serem consideradas mais fracas e menos habilidosas (ALTMAN, 1998).

Essa afirmação de que as mulheres não são excluídas dos jogos por questões de gênero gera certa controvérsia em nossas observações, pois em muitas observações, as meninas mesmo sendo mais habilidosas não eram convidadas a jogar. Em alguns momentos para completar a equipe os meninos preferiam chamar algum menino, (mesmo que não tão habilidoso) do que convidar alguma das meninas, ao meu ver seria essa uma das relações de poder na qual a superioridade masculina prevalece, independente da habilidade física.

Como um dos objetivos deste trabalho é a afirmação de que toda violência, mesmo a da exclusão, pende para as questões de gênero, agregamos outras informações a respeito dos papéis de gênero que são postas culturalmente a meninos e meninas nas aulas de Educação Física. A forma que desde criança as brincadeiras com características diferenciadas para meninas e meninos são colocadas, constroem uma imagem de qual atividade é para o masculino e qual é para o feminino.

Partindo dessas ideias, das finalidades opostas e impostas para o sexo masculino e para o feminino, as crianças são estimuladas a vivências esportivas e brincadeiras cotidianas com características

diferenciadas. Normalmente, às meninas são propiciadas atividades que trabalham a coordenação motora fina, reforçando as características de harmonia e delicadeza, o que é evidenciado não só nas modalidades esportivas praticadas pelas As relações de gênero no esporte por discentes da rede pública... 117 Movimento, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 113-125, maio/agosto de 2003 meninas (ginástica rítmica, nado sincronizado, etc.), mas em várias situações do cotidiano, nas quais elas se apresentam com mais discrição e menos competitivas. Já os meninos são incentivados à prática de atividades físicas que desenvolvam a coordenação motora ampla, num ambiente em que não é permitido chorar, mesmo havendo a derrota, preparando-os para a disputa, a competição que é refletida em diversas situações cotidianas como no mercado de trabalho. Esses são condicionados a atitudes mais valorizadas, colocando-os em posições superiores que representam mais poder. As experiências distintas proporcionarão práticas esportivas com características diferentes e, conseqüentemente, representações diferentes. (VERBENA e ROMERO, 2003)

O que podemos parcialmente concluir a respeito da questão da exclusão das meninas é que muitas sofrem por serem agredidas, ofendidas, rebaixadas e discriminadas, e que tanto meninos quanto outras meninas pertencentes a grupos diferentes promovem esse tipo de violência.

Para Junior (2002), no gênero, a prática social se dirige aos corpos. Através dessa lógica, as masculinidades são corporificadas, sem deixar de ser sociais” (1995, p. 189). Assim, as relações sociais engendram as formas de como o feminino e o masculino são construídos, nunca em esferas separadas, mas um em relação ao outro, concordando com o que diz Machado (1992), não em oposição, mas em complementaridade e articulação com outras categorias, tais como, classe, etnia, religião, entre outras.

Corsino e Auad (2012) questionam três pontos fundamentais para discutirmos as relações de violência de gênero nas aulas de Educação Física.

- Como os docentes misturam ou separam os/as estudantes?;
- Como as atividades realizadas em aula podem reforçar diferenças hierarquizadas entre feminino e masculino mantendo desigualdades de gênero entre os sexos?;

- Como a forma que se lida com a corporeidade de meninos e meninas se relaciona com construções de gênero elaborada na realidade escolar tanto por estudantes quanto por docentes?

Nas aulas de Educação Física do Batista Pereira meninas e meninos participam juntos na maioria das atividades, jogos e atividades como Pic Bandeira, Taco, Base 4, Vôlei, Handebol, nunca 2, nunca 3, queimadas, basquetebol, mini tênis, lançamento de dardo, arremesso de peso, tênis de mesa, 1,2,3 corte, ginastica, ginastica funcional, entre outras atividades os grupos observados participaram misturados, exceto pelo futebol que predominantemente é praticado pelos meninos com raras exceções de meninas que jogam juntas.

Esse comportamento durante as aulas de Educação respondem a segunda questão elaborada por Corsino e Auad (2012), em que mostra que o futebol reforça as diferenças de gênero entre os sexos, pois como já citado, é comum a fala de que a força física e a maneira bruta de jogarem interferem na participação das meninas.

Sabendo que o futebol está inserido na sociedade de forma que é um dos momentos mais aguardados pelo grupo masculino, torna se um caminho de acordo para participação das outras atividades para que haja futebol pelo menos uma vez por semana. Observados casos em que havia rebeldia e boicote em diferentes propostas, foi uma maneira de conseguir a participação e condicionar os estudantes a outras práticas como é o taco e o vôlei, atividades hoje que despertam bom número de interessados, diferente do começo do ano letivo.

Sabemos que a corporalidade de meninas e meninos são diferentes, uma das estratégias nas aulas de Educação Física é observar como os estudantes se sentem mais confortáveis nas aulas, seja participando em atividades mistas, ou separadas e intercalando e variando metodologias, assim é possível acompanhar e observar os diferentes comportamentos.

Como exemplo realizamos uma ginástica (funcional e yoga) em ambas escolas, que envolveu alongamentos, ponte, vela e parada de mão, pouso sobre a cabeça e elefantinho (pernas para cima). Na escola estadual foi realizada no gramado em espaço aberto, as meninas foram as mais dispostas a participar e com o passar da aula foi intrigante como alguns meninos se aproximaram com interesses de ficarem observando o corpo das meninas, e algumas se sentiram envergonhadas por essas atividades de certo modo evidenciar o corpo nas posições propostas. Com essa

aproximação de segundas intenções alguns meninos passaram a participar da aula, porém outros ficavam só assistindo. Foi o momento de uma intervenção pedindo que fossem praticar outras atividades e não ficar “secando”⁴ as meninas. Algumas meninas deixaram de participar com a dedicação de antes e algumas outras continuaram participando e brincando normalmente. Na escola municipal, a mesma atividade foi feita em uma sala dentro do ginásio com amplo espaço, colchonetes e espelhos na parede, foi dada opção para alguns decidiram ir para outra atividade devido a limitação do espaço, prontamente meninas e meninos se interessaram e participaram, observei que o fato da sala ser fechada evitava olhar de curiosos e a parede era aliada das meninas para evitar olhares indiscretos, sendo assim tiveram uma grande participação, os meninos participaram com boa dedicação mas muitos ficaram mais interessados em observar os movimentos e o corpo das meninas. Ambas escolas os meninos de certo modo ficaram atraídos por verem as meninas fazendo os alongamentos e os desafios corporais da aula. Foi a primeira aula no ano que esta atividade foi realizada, e vejo como pertinente a questão do interesse na sexualidade e nos corpos em movimento, talvez essa escassa gama de atividades com o corpo em evidencia torne estas diferenças de gênero tão acentuadas.

Durante as atividades, já sabendo por experiência de anos anteriores, fui justamente escolher um lugar afastado de olhares curiosos, e tentar posicionar os participantes de frente, em alguns momentos foi solicitado a participação em duplas e trios justamente para que ocorresse interação e contato físico promovendo desafios e solidariedade, até para desvencilhar os olhares, foi uma atividade opcional já sabendo que alguns se sentiam constrangidos e após a aula conversamos com a turma toda sobre a experiência, onde a maioria mostrou aprovação e interesse pela atividade, quem sabe assim na próxima os demais estudantes se sintam motivados e curiosos. Para o momento, o mais importante foi promover essa interação de gênero e tendo um resultado positivo quanto a participação e o respeito.

Infelizmente o comportamento masculino ainda segue um padrão estereotipado, onde os meninos têm que se mostrar mais fortes, machos, sendo superiores as meninas. Durante as observações ficou explicito como os meninos tendem a

⁴ Categoria nativa utilizada para designar um olhar mais intencional para aquilo que passa a ser objeto de desejo.

ocuparem a maioria dos locais da escola, inclusive as quadras esportivas disponíveis, mostrando esse universo de dominação dos espaços.

Badinter (1993) apud Campos (2008) et al afirma que os esportes que envolvem competição, agressão e violência são considerados a melhor iniciação à virilidade, pois é nesse espaço que o adolescente ganha “status de macho”, mostrando publicamente seu desprezo pela dor, o controle do corpo, a força e a vontade de ganhar e esmagar os outros.

Durante as observações na escola Batista foram poucos casos de violência física, mesmo meninos x meninas, quanto meninos x meninos, a maioria foi decorrente das disputas de jogo, em chegadas mais fortes e inconsequentes. Entretanto na escola Ildfonso presenciei diversos casos entre meninos x meninos oriundos também da disputa esportiva, chegando a socos e enforcamentos, até arremesso de materiais. Casos envolvendo meninos x meninas aconteceram e um caso marcante foi em que um garoto arremessou um sapato em uma menina durante a aula de geografia, e no momento em que o professor retirou o aluno de sala, estava no pátio e observei o ocorrido, mostrei apoio ao professor que expressou a fala que não iria aceitar violência contra uma menina na sala de aula. A mãe foi convocada na escola, e a situação se mostrou inacreditável, a mãe sabendo do ocorrido relatou se mostrou irritada questionando o controle de sala do professor, não apoiou a decisão do professor e menosprezou a situação, principalmente por se tratar de uma agressão a outra menina, citando que a garota tinha xingado a mãe dele e lhe deu o direito de revidar. Por terceiros tive a informação de que o garoto tem histórico de violência doméstica e inclusive já agrediu fisicamente a mãe, o que nos leva a refletir não só o papel do professor quanto a não permitir esse comportamento, mas também o quanto a formação familiar é importante, a falta de limites e responsabilidade pelos atos dos filhos.

Os estudantes permanecem na escola pelo período de 4 horas, levando a nos refletir, onde passam as demais horas? Em casa, na rua, com família ou amigos. É caráter determinante o convívio fora da escola, a desconstrução dos saberes na rua é quase que instantâneo se não tiver acompanhamento familiar e uma boa infraestrutura.

Acompanhar e educar estas crianças e adolescentes hoje é uma forma preventiva para que no futuro casos como estes não aconteçam na vida adulta. A violência contra a mulher se funda nas desigualdades sociais e é uma violência dos

direitos humanos e se expressa de diferentes formas: violência doméstica, violência sexual, tráfico de mulheres, assédio sexual entre outras. Para garantir a equidade de gênero, os preconceitos, atitudes e padrões comportamentais na sociedade que perpetuam a violência contra as mulheres devem ser eliminados.

Grandes Momentos

Alguns casos nos chamaram atenção durante o ano letivo, e usaremos nomes fictícios afim de garantir integridade das estudantes. O que relataremos tem o objetivo de mostrar as interações de gênero e mostrar alguns comportamentos nas unidades educativas, relacionando a produtividade e aprendizado dos estudantes.

BEL.

Bel é uma menina que frequenta a escola Batista Pereira, assume uma identidade feminina, porém se expressa fisicamente como menino. No início do ano ainda sem conhecer a turma, durante a primeira chamada, ao chamar os nomes olhava para a pessoa a fim de marcar a fisionomia com o nome, e ao chamar seu nome não percebi o local onde a estudante estava e perguntei novamente por duas vezes até localizar e perceber que pela fisionomia havia me enganado, procurando um perfil feminino, não a notei de início e quando a vi, um colega me disse “professor ela é menina”. Percebendo meu erro de imediato a fim de evitar constrangimento por ambas partes, chamei imediatamente o nome anterior ao dela que era parecido e assim expliquei ter me confundido na chamada os nomes. Depois outros professores me relataram ter acontecido a mesma situação. Bel tem o cabelo curto, gosta de usar bermuda larga e camiseta “masculina”.

Bel se relaciona muito bem com os demais colegas de sala, costuma estar sempre junto aos meninos, joga bola, observada como participante do grupo da bagunça junto aos meninos. É participativa quando o assunto é futebol, nas demais atividades demonstra-se desinteressada como a maioria dos meninos. Bel tem um bom relacionamento com o grupo, seus conflitos são quase sempre em decorrência as disputas no futebol, empurrões, não passar a bola, errou o gol, o grupo dos meninos estão sempre brigando e discutindo pelos acontecimentos do futebol,

notamos que quando ao aula acontece com atividades e temas diferentes, o grupo em que Bel está inserida tende a ser menos crítico e competitivo, conseqüentemente brigam menos, como é o caso das atividades de atletismo, arremesso de peso, lançamento de dardo, corridas, construções de pirâmides com o corpo. O grupo de professores em uma decisão em conjunto decidiu por trabalhar o tema sexualidade em decorrência de atitudes que haviam sido percebidas em algumas aulas, curiosidades, brincadeiras desrespeitosas, com isso uma das abordagens foi separar esta turma por gênero e assim ter uma conversa inicial a respeito da sexualidade. Foi contada uma história contextualizando uma sociedade indígena e as formas de relacionamento lá estabelecidas, e assim abordando outros assuntos polêmicos como sexualidade, namoros, masturbação, respeito ao corpo alheio, isso aconteceu no grupo masculino. Bel ficou no grupo feminino, mas por relatos de colegas disseram que a mesma ficou deslocada e envergonhada mais que as demais. Mostrando novamente não se sentir pertencente a aquele grupo, ficou calada durante toda a conversa.

A escola resolveu ter uma conversa entre orientadora, supervisora e estudante afim de zelar pela segurança da mesma. Recentemente a estudante foi vista entrando e usando o banheiro masculino após a Educação Física, junto com seus colegas. A escola se posicionou com preocupação, zelando por sua segurança, com receios de que com outros estudantes a mesma pudesse passar por situações constrangedoras, bullying, e até algum tipo de violência/abuso, a estudante foi orientada a usar o banheiro feminino.

Bel hoje interage com os demais de forma positiva, aparentemente não se incomodou quando foi confundida com menino, devido as roupas e corte de cabelo, é um caso que as diferenças de gênero não são acentuadas e não são um obstáculo para o aprendizado.

SID.

Sid, é um estudante que no início do ano letivo, antes da primeira chamada veio até mim e se apresentou, pediu que eu o chamasse de Sid e não como estava na lista de chamada, pediu que se referisse a ele com pronome masculino. Após

cursado metade do curso de especialização de gênero e diversidade na escola, prontamente me mostrei solícito e anotei o nome riscando o antigo nome na lista de frequência. Sid usava vestes e tinha uma aparência andrógina (não aparentava masculino ou feminino e sim um pouco dos dois, desde o corte de cabelo raspado nas laterais, até as roupas largas.

Naquela semana outros professores comentaram o mesmo caso na sala dos professores, e uma professora comentou que achava complicado, que nunca havia passado por isso, que não achava certo aceitar o uso do nome social. O caso foi comentado com a direção as orientadoras, conversaram com os responsáveis e autorizaram que o estudante fosse então chamado pelo nome social. Sid era um aluno bem reservado, raramente participava das aulas de Educação Física, gostava de ler e tinha poucos amigos para conversar nas aulas. Era um estudante faltoso, tanto que as faltas o complicaram e por fim forçaram uma transferência próximo a sua nova residência.

Sid em uma oportunidade abriu diálogo a respeito da sua sexualidade e orientação sexual, se sentia atraído por meninas, e contou sobre os preconceitos que já tinha sofrido na escola. Disse que se sentia excluída pelo fato de ser vista como diferente.

Comentei o fato de estar cursando o curso do GDE e que meu objetivo era fazer o possível para que as aulas fossem prazerosas para ele e que queria saber o que gostava de participar, de jogar e para minha surpresa disse que gostaria de jogar futebol com os meninos, que se sentiria bem jogando com eles, mas que também sabia das diferenças físicas, perguntei se podia tentar conversar com o grupo em particular para explicar algumas coisas a respeito da minha proposta de integra-lo nas aulas. Ele gostou da ideia.

Dias após a conversa, chamei os meninos na sala para conversarem, e lá tivemos uma conversa esclarecedora para muitos, expliquei que o desejo de Sid era ser chamado pelo nome social e citado com pronomes masculinos, alguns debateram questionando o porquê se ela é menina? Expliquei sobre como Sid se identificava como menino, e que era direito ser chamado como gostaria, de como isso não interferia no aprendizado da turma e como se sentia excluído do futebol, que gostaria de participar com eles. Os meninos então me surpreenderam

positivamente sendo todos completamente solícitos e aceitando a proposta que até então citei. Para que não ficasse gritante a diferença entre os corpos e o constrangimento entre as diferenças de gênero e habilidades físicas, coloquei outras meninas para participar, disse que aquele dia teríamos futebol misto e todos podiam participar, e já havia convidado três garotas anteriormente explicando o caso, prontamente quiseram jogar futebol. Assim foi realizado dois momentos de futebol misto. Sid disse ter gostado muito e que os meninos foram respeitosos, gentis e souberam jogar, e realmente a turma foi muito produtiva e cooperativa.

Conseguimos vivenciar bem legal essa participação, infelizmente Sid passou por problemas pessoais que não quis comentar, e teve que se mudar de escola. Por terceiros soube que as questões de sexualidade geraram conflitos familiares, e que numa medida de não aceitação por parte dos pais, resolveram mandar morar com outros familiares.

Turma 8º ano, Escola Ildefonso Linhares.

Escolhi comentar especificamente esta turma, pois notei comportamentos extremamente preocupantes, assim me permitiu observar a turma com um olhar mais crítico e entender melhor os comportamentos desta turma.

Esta turma do 8 ano do Ensino Fundamental apresenta características bem distintas de outras turmas, o que me faz afirmar ser a turma mais agitada e tumultuada, é uma turma com 29 estudantes sendo 11 meninas e 18 meninos. A turma tem um perfil participativo nas aulas de Educação Física, entretanto o clima que prevalece na turma desde o início do ano letivo é que eles decidem o que querem na escola, discutem e exigem perante a direção o que acham ser certo. No início do ano tivemos situações emblemáticas ao propor atividades diferentes e a turma boicotar a participação, tanto meninos quanto meninas, se recusavam a participar e diziam que nos outros anos anteriores só tinha futebol, e que deixavam de participar quando não queriam, aos poucos fui me ambientando e notando o ritmo daquela turma e da escola. Após algumas tentativas e discussões sobre a importância da Educação Física e de aulas diversificadas aos poucos conseguimos um número significativo de participantes em jogos diferentes como: queimada,

voleibol, mini tênis, jogos de tabuleiros, tênis de mesa, cadeirobol, basquetebol entre outras atividades, mas o futebol ainda assim imperava e vinham sempre pressionando pelo futebol. Ao me ver já vinham com os questionamentos "é futebol né professor?", "professor dá a bola de futebol!", essa turma tem alguns garotos que jogam na base do Avaí e outros na escolinha, aos poucos fomos negociando os dias de futebol, mesclando com o basquetebol que havia um público interessado e ocasionalmente outras atividades. Curiosamente as meninas não participavam nem do futebol, nem do basquetebol e quase sempre faziam "corpo mole" e se mostravam desinteressadas em outras atividades, e assim o ano foi se desenrolando e essa rotina infelizmente se estagnou, creio que ambos lados se desmotivaram. Era uma luta conseguir deixar o futebol de lado, em alguns momentos a falta de material facilitou não ter futebol, e assim se tornou uma estratégia para outras atividades. Em algumas tentativas de tentar resgatar as meninas a participar mais, foram frustradas exceto quando o professor pegava o diário na mão durante as atividades e dizia estar sendo avaliadas, algumas poucas se importavam e iam jogar mini tênis, ou basquetebol ou a atividade proposta por um curto período de tempo.

As meninas mesmo sabendo da proibição do celular na escola, usavam aos cantos, ouviam música. E estavam cientes que estas atitudes estavam sendo consideradas nas notas, e que a participação majoritariamente estabelecia a média.

Com o passar dos meses essa situação favoreceu para um menor estresse e desentendimentos e caras feias, pois o futebol estava sendo mais frequente, mas ainda assim era comum as reclamações de não ter futebol em duas aulas seguidas, ou de ter que dividir o tempo da quadra com o basquetebol com outros meninos. As meninas ao meu ver eram coagidas a não quererem participar, creio que isto devido ao comportamento machista de criticar as falhas, julgar serem ruins no esporte, e não habilidosas. Algumas das vezes que jogaram juntos queimada os meninos não respeitavam as diferenças físicas e jogavam a bola forte demais justamente para amedrontá-las e isso estimulava-as a sair da atividade. Era visível como essa coerção das atividades prejudicava o aprendizado e impunha as meninas a se comportarem de forma que agradassem esses meninos. De certa forma tinham atitudes infantis, mas preconceituosas e machistas, pois em diversos momentos se

estabeleceram conflitos em outras disciplinas como agressão, xingamentos e provocações constantes.

Em diversos dias percebendo esse comportamento de acomodação, foi conduzido uma fala reflexiva e conscientizada, em algumas pessoas surgia efeito, outras só se via o olhar de reprovação. Confesso ser uma situação desanimadora e deprimente, pois a falha nessa conduta parece vir de todas as partes, professores, estudantes, direção, estrutura escolar. Mas como desabafo é desencorajador entrar numa turma que como dizem "não quer nada com nada", afinal é preferível guardar energia e estímulos para aqueles que se mostram interessados e respeitosos com os colegas.

As meninas aparentaram ser o grupo mais vulnerável e excluindo, podendo utilizar os espaços não utilizados pelos meninos quando não havia intervenção do professor. Obviamente que com a mediação forçada estas situações eram amenizadas, mas isso forçava um estresse e empenho desgastante para que toda aula fosse mais justa. A turma não obteve uma autonomia para conciliar e dividir os espaços utilizados e as atividades desejadas.

Turma 8 ano - Batista

A turma escolhida foi escolhida por representar a sala mais participativa, respeitosa e inclusiva com que trabalhei neste ano, são interativos e jogam e brincam com prazer, se divertem. Foram escolhidos justamente por poder compartilhar esse comportamento positivo e de respeito as diferenças de gênero.

A turma possui 35 estudantes, sendo 14 meninas e 21 meninos, são muito entusiasmados e ansiosos quanto ao conteúdo das aulas, perguntam no corredor o qual a atividade do dia e vejo que muitas vezes ficam felizes com novos conteúdos.

Fato é que nas duas escolas utilizei o mesmo planejamento para os 8 anos, entretanto existe um abismo quanto ao progresso e conteúdo abordado com a turma da escola Batista Pereira, primeiro pela infraestrutura do ginásio esportivo que me permite organizar melhor os conteúdos, os materiais também são abundantes e alguns individuais, que garantem que cada professor consiga se organizar e cuidar do seu material de trabalho. Existe uma felicidade muito grande de atuar com esta turma, muitas vezes participei dos jogos de futebol e vôlei mistos, pois a turma é

competitiva, mas sabem o limite da capacidade e habilidade física do colega e buscam principalmente a diversão.

Com esta turma consegui durante o ano desenvolver diversos jogos e brincadeiras como Nó humano, Basquetebol, nunca 2, nunca 3, voleibol, mico preto, atletismo, construção e lançamento de dardo, arremesso de peso, pega-pega, filme: surfe adventures 2, taco, slackline, vídeos/músicas consciência negra, skate, futebol, cadeirobol, queimadas (6 adaptações). Os meninos gostam muito de futebol também, mas são adeptos de novas brincadeiras, sem estresse e sem muita resistência comparada a outras turmas. As aulas desde o começo do ano tiveram acordo de que haveria futebol e vôlei para compensar e agradar a turma pela participação, mas na condição de ter outras atividades.

No futebol somente três meninas gostam de jogar com os meninos, pois as demais não se sentem tão habilidosas e encorajadas como estas três meninas. E surpreendentemente a turma possui aproximadamente 6 meninas que são extremamente esforçadas e competitivas, o que ao meu ver incentiva e contagia a participação das demais, o comportamento delas em dias que podem escolher as atividades que mais gostam é satisfatória, pois procuram integrar as demais colegas nas atividades que escolheram.

Os conflitos nesta turma são ocasionais, único caso justamente envolvendo as questões de respeito quanto a sexualidade, pois uma garota que gosta mais de se produzir, maquiar, acabou recebendo cantadas e toques (abraços constantes e agarrões) e a mesma passou a se sentir mal com essa questão. Permitiu as brincadeiras, e após um período os meninos passaram dos limites e a estudante se sentiu triste com os acontecimentos. Durante as aulas de Educação Física tivemos uma conversa com a turma quanto ao comportamento, promovendo o respeito e definindo esses limites e como melhorar o convívio dos envolvidos, e assim tudo ficou esclarecido. Observo que essa turma tem um comportamento mais infantil, porém já apresenta também envolvimento mais acentuado com a paquera, o que em alguns momentos atrapalha as aulas com o vai e vem ao banheiro, desculpas para sair da aula, enfim, de mais fica salientado como as questões de violência nesta turma foram suprimidas perante ao comportamento exemplar da turma, sem conflitos quanto a raça, classe social, religiosidade, em outras conversas já apresentaram

maturidade e possibilitam a participação de todos, respeitam a presença feminina nas aulas, e inclusive uma das estudantes possui uma destreza sensacional, possui uma coordenação motora refinada e eximia lançadora de dardo, conseguiu atingir a melhor marca e assim estabelecer uma conquista esportiva importante frente aos colegas, mostrando que mesmo no 8ºano onde as diferenças de capacidade e habilidades físicas ficam mais acentuadas, ela mostrou-se competindo por igual e até superando as marcas masculinas.

As intervenções e debates ao longo das aulas de Educação Física geraram boas reflexões onde até mesmo os meninos concordavam sem se importar ou dar valor ao tema, que eram causadores da maior parte dos casos de violência na escola. Entretanto em algumas turmas tivemos boas experiências e momentos de superação, onde a violência foi controlada e amenizada. Alguns estudantes tem o perfil de liderança positiva, costumam fazer a mediação dos conflitos, separam brigas, dialogam com os envolvidos transmitindo calma e lucidez, e não aumentando o conflito como muitos fazem, provocando mais tumulto, botando pilha⁵.

De fato, as mais variáveis formas de violência praticadas contra o gênero feminino, sejam as violências físicas, psicológicas, retomam a questão da violência simbólica, na qual se infiltra em nosso cotidiano, pela cultura, pela sociedade. Essa violência se manifesta também nas aulas de educação física em situações onde determinados grupos buscam por uma hegemonização dos espaços, atividades, brincadeiras, costumes e poder.

A violência simbólica se localiza e se manifesta, através de toda uma produção simbólica, via linguagem, arte, religião e outros sistemas simbólicos, que reforçam relações assimétricas e hegemônicas, desqualificações, preconceitos e violências de todo tipo. De acordo com Sardenberg, a violência simbólica se “infiltra por toda a nossa cultura, legitimando os outros tipos de violência. (SARDENBERG, 2011)

Sardenberg cita que tanto homens quanto mulheres estão sujeitos a serem alvos da violência de gênero, mas que devido ao machismo e ordem patriarcal predominante, são as mulheres e homossexuais que estão mais sujeitas as formas de violência.

⁵ Termo ou gíria usada quando em algum conflito alguém coloca mais intriga, duvida, provocação. Gerando assim mais tumulto e confusão.

Durante as aulas observadas em ambas escolas, foi possível notar como a escola encontra barreiras para lidar com a educação e igualdade de gênero. Foi aparente os casos onde as diferenças de gênero foram decorrentes e acentuadas na criação em casa, nas ruas, refletindo assim no comportamento escolar.

Papel do Professor e as Considerações Finais

Este trabalho teve a intenção de mostrar algumas representações da violência na escola, como a exclusão, o bullying, vandalismo na instituição, o preconceito, as agressões físicas e verbais, a homofobia e a violência contra a mulher, mas ainda assim não abordamos as questões que acontecem fora da escola e estão altamente ligadas ao comportamento estudantil, como é o caso da violência doméstica, violência familiar, violência intrafamiliar e violência sexual. Para esses casos seria necessária uma pesquisa aprofundada e investigativa afim de levantar outras hipóteses e ocorrências.

Todo conhecimento adquirido nestes períodos de estudo a respeito do gênero e diversidade na escola já promoveram algumas mudanças na prática, como interpretação, pontos de vista, tolerância, conhecimento, valores e atitudes na sala de aula. Alunos que antes eram excluídos, desmotivados, expostos, agredidos, hoje tem uma chance de melhorar este convívio com os demais.

As questões de gênero, os estudantes deficientes, diferenças culturais, religiosidade, raça, origem, sexualidade, aparência física, vestes e aparência, habilidades, classe social e convívio estão altamente inter-relacionados às questões de violência escolar.

Existe ainda um grande desafio presente na sala de aula que são os impactos da violência, principalmente as mulheres, que tendem a ter mais situações de preconceito e desigualdades. Se os meninos já passam por dificuldades, problemas e preconceitos, sabemos agora que as meninas têm a probabilidade de sofrer muito mais.

Como focamos em um dos objetivos deste trabalho da hipótese que toda violência, mesmo a da exclusão, pende para as questões de gênero, reforçamos nas discussões do texto quanto as violências físicas, psicológicas e simbólicas, justamente por ter presenciado em maioria, situações de violência contra estudantes

do sexo feminino. Aliado as transversalidades que aqui também foram discutidas, temos uma gama muito maior de exemplos quanto a desigualdade.

O Curso de Diversidade e Gênero na escola possibilitou um entendimento muito mais abrangente e esclarecedor, quanto as questões de igualdade e busca de direitos. O curso sempre abordou as transversalidades relacionadas ao Gênero com um caráter formativo voltado para a escola, justamente para atender a um público carente de igualdades sociais, que necessita de intervenção.

Ao discutir essas questões de diversidade e gênero com os estudantes, contextualizaríamos a importância da igualdade de direitos, da inclusão dos estudantes e oportunidades iguais para o aprendizado. Ainda na escola temos a polêmica questão de punição, e impunidade quanto a casos de agressão, bullying, ameaças e violência.

O que queremos é que o ambiente escolar se torne um local apto para desenvolver a cidadania, cooperação, conhecimento e que não exclua e seja um local acolhedor e facilitador de aprendizado, e que as diferenças de gênero não interfiram ainda mais no cotidiano escolar de forma negativa.

Evidente que numa perspectiva de prevenção, nas escolas de Santa Catarina, mais precisamente no município de Florianópolis, é preciso atuar e mediar com firmeza para que não se banalize comportamentos desrespeitosos e excludentes, e que não faça da escola um lugar para promover violência e desconstruir saberes.

Misturar meninos e meninas não basta, pois ainda é necessária a orientação baseada em políticas públicas que proporcionem igualdade. Tal conceito consiste em favorecer atividades conjuntas entre meninos e meninas; proporcionar outros significados às modalidades que apresentam certas características, como o rendimento; dar importância à participação do/a professor/a, que deve dispensar tratamento igual para meninas e meninos, fazendo as mesmas exigências para ambos; aproveitar eventuais situações ocorridas durante as aulas para problematizar as questões de gênero. (CORSINO e AUAD, 2012)

Gomes (1995) apud Campos et al (2008), afirma que a presença de adultos entre crianças pode diminuir a separação de gênero, pois, ao incentivarem a prática conjunta de meninos e meninas, os comentários pejorativos provenientes dessa

interação são minimizados. Também, mostrou que a presença do professor em algum local já é por si mesma um fator de extrema importância na determinação das atividades das crianças. Justamente por isso o professor perde um tempo enorme na escola com indisciplina, o professor fica com a incumbência de ter que estar presente o tempo todo para que a rotina aconteça, para que os estudantes não extrapolem e não briguem.

A postura docente é uma referência que define como meninas e meninos agem e se relacionam entre si". Meninos e meninas nem sempre reagem da mesma forma à intervenção docente, uma vez que os meninos desobedeciam mais às normas escolares e as do professor do que as meninas. São inúmeros os conflitos e as dificuldades dos educadores no enfrentamento das questões de gênero presentes na cultura escolar, especialmente nas aulas de Educação Física, que se trata de valores e normas culturais que se transformam muito lentamente. (ALTMANN, 1998, apud CAMPOS ET. AL, 2008)

Uma das maiores dificuldades que os professores encontram é que o objetivo de suas aulas que deveriam ser ensinar e transmitir seu conhecimento se perde, o professor emprega tempo demais para cuidar dos casos de disciplina e conflitos. O profissional não só da Educação Física, como também os demais membros do corpo docente, tem o dever de se atentar quanto as questões de violência que acontecem na escola. Observar o comportamento dos estudantes, estar atentos a suas falas, emoções e atitudes.

Especificamente para os professores de Educação Física, com essas observações foi nítido como o conteúdo está diretamente relacionado com conflitos, ao meu ver estudantes ociosos ou desmotivados tendem a se envolver mais em provocações.

Como já citado, essas três questões já levantadas influenciam diretamente na produtividade, participação e ocupação nas aulas.

- Como os docentes misturam ou separam os/as estudantes?;
- Como as atividades realizadas em aula podem reforçar diferenças hierarquizadas entre feminino e masculino mantendo desigualdades de gênero entre os sexos?;

- Como a forma que se lida com a corporeidade de meninos e meninas se relaciona com construções de gênero elaborada na realidade escolar tanto por estudantes quanto por docentes?

Toda forma de discriminação interfere no sucesso e rendimento escolar; produz medo, insegurança, estigmatização, segregação, isolamento, exclusão, gera desinteresse pela escola, produz abandono e evasão.

Acredito que o ideal é a escola proporcionar debates, vivências e oportunidades para que estes estudantes mostrem suas origens e cultura, e que sejam respeitados, independentemente de suas escolhas, que possam ser ouvidos e assim promover o aprendizado contextualizando e problematizando os conflitos encontrados no ambiente escolar.

Não acredito que conseguiremos conquistar uma sociedade ou toda uma escola em que seja absolutamente tolerável. A criação e família interfere muito na formação dos estudantes, muitos trazem o preconceito de casa, mesmo que em forma de piadas ou brincadeiras.

A proposta para ajudar a superar estas dificuldades são eliminar preconceitos, estigmas, estereótipos e discriminações. Elaborar projetos de sensibilização e de conscientização, Além da própria convivência na diversidade.

Há muitos anos vi uma bandeira hasteada em um encontro das comunidades alternativas, justamente com o propósito de manter a paz, onde quer que ela esteja posta, está relacionada a preservar qualquer forma de cultura. Um símbolo mundial que cabe perfeitamente nas escolas, criadora e mantenedora da cultura. Onde quer que esteja hasteada como universidades, bibliotecas, hospitais, teatros, contam que o local deve ser um espaço preservado, mesmo em locais com conflitos e guerras, sendo esta minha homenagem ao curso do Gênero e Diversidade na Escola, curso qual me proporcionou conhecimento e sabedoria não só para na escola e sim para a vida, trazendo conhecimento, tolerância, respeito e igualdade.

Figura 1- Bandeira da paz



<http://roerich.org.br/portal/bandeira-da-paz-e-cultura/>

Onde há paz, há cultura. Onde há cultura, há paz.

Referência Bibliográfica

ARRAES, Jarid. **Maternidade e racismo: A exclusão das mães negras**. Revista Forum.2015. Disponível

em:<<http://www.revistaforum.com.br/questaodegenero/2015/05/06/maternidade-e-racismo-exclusao-das-maes-negras>>. Acesso em: 28/10/2016.

ASSIS, Simone Gonçalves; MARRIEL, Nelson de Souza Motta. **Reflexões sobre violência e suas manifestações na escola**. Impactos da violência na escola. FIOCRUZ, Rio de Janeiro. 2010. Acesso em: 14/07/2016.

CAMPOS, Angélica da Fonseca; COCATE, Paula Guedes; FREITAS, Maria Eunice de Paiva; SOARES, Leililene Antunes; CRUZ, Lúcia Aparecida da. **A questão de gênero nas aulas de Educação Física**. Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança, v. 3, n. 3, p. 79-88, set. 2008. Disponível em:<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACA_O_FISICA/artigos/genero_aulas.pdf>. Acesso em: 15/04/2016.

CARVALHO, Marília. **Quem é negro, quem é branco: desempenho escolar e classificação racial de alunos**. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abril, 2005.

CONCEIÇÃO, Daniel Machado da. **O educar que se repele: um estudo sobre escolarização e Profissionalização futebolística em Florianópolis**. Florianópolis. 2013. Disponível em:< <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/105114> >. Acesso em: 08/11/2016.

CONFED. **Educação Física Escolar**. Revista EF. Dez 2002. Disponível em: <http://www.confef.org.br/extra/revistaef/arquivos/2002/N05_DEZEMBRO/02_EDUCAO_FISICA_ESCOLAR.PDF>. Acesso em: 03/07/2016.

CORSINO, Luciano Nascimento; AUAD, Daniela. **O professor diante das relações de gênero na Educação Física Escolar**. São Paulo,2012. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/ref/v22n3/19.pdf>>. Acesso em: 23/06/2016.

FLORIANOPOLIS. **LeiNº 9124**, de 28 de novembro de 2012. Disponível em:< <https://leismunicipais.com.br/a/sc/f/florianopolis/lei-ordinaria/2012/913/9124/lei-ordinaria-n-9124-2012-dispoe-sobre-o-numero-de-alunos-por-sala-de-aula> >. Acesso em: 01/07/2016.

GESSER, Marivete; NUEMBERG, Adriano Henrique. **A inclusão de estudantes com deficiência nos diferentes níveis de ensino: um desafio ético e político**. Especialização Ead em Gênero e Diversidade na Escola. Livro V-ModuloVI. Copiart. Tubarão-SC.2016.

HAERTEL, Bianca. **A temática do gênero nas aulas de Educação Física do ensino médio: pesquisas e intervenção em escolas da cidade de São Carlos**. São Carlos. 2007. Disponível em:< http://www.ufscar.br/~defmh/spqmh/pdf/2007/3colq_genero.pdf >. Acesso em: 13/11/2016.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. 5ª. Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001. Disponível em:< http://jnsilva.ludicum.org/Huizinga_HomoLudens.pdf >. Acesso em: 27/10/2016.

JUNIOR, Agripino Alves Luz. **Gênero e Educação física: Tornando visíveis fronteiras e outras formas de reconhecimentos**. Revista Ed. Física, esporte e Lazer. 2002. Disponível em:< <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/957> >. Acesso em: 27/08/2016.

KRUG, E. et al. **Relatório Mundial sobre violência e saúde**. Geneva: OMS,2002.

LAUSANNE. **Comitê olímpico Internacional. Curso de dirigentes del deporte**. Canadá: Fhoenix Press, 1986.

LINDA, Dahlberg; ETIENNE, Krug. **Violência: um problema global de saúde pública**. Ciênc. Saúde coletiva vol.11, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/csc/v11s0/a07v11s0> >. Acesso em: 14/07/2016.

MEZZAROBA, Cristiano; CONCEIÇÃO, Daniel Machado da. **“Os herdeiros”:** **questões sobre o campo esportivo**. Revista Linhas. Florianópolis, v. 15, n. 29, p. 317-340, jul./dez. 2014. Disponível em:< http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1984723815292014317/pdf_13 >. Acesso em: 15/11/2016.

OLIVEIRA, Flavia Fernandes; VOTRE, Sebastião Josué. **Bullying nas aulas de Educação Física**. Revista Movimento. Porto Alegre, v.12, n. 02, p. 173-197, maio/agosto de 2006.

OLIVEIRA, Renata. **Violência simbólica**. Portal Seculodiaros.2015. Disponível em:< <http://seculodiario.com.br/21877/14/violencia-simbolica-1> >. Acesso em: 07/12/2016.

ROSA, Rosiléia; BOING, Antônio Fernando; SCHRAIBER Lilia Blima; COELHO, Elza Berger Salema. **Violência: conceito e vivência entre acadêmicos da área da saúde**. Revista Interface (Botucatu) vol.14 no.32. Botucatu Jan./Mar. 2010. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832010000100007 >. Acesso em:12/11/2016.

REGO, Teresa Cristina; BRUNO, Lucia Emilia Nuevo Barreto. **Desafios da educação na contemporaneidade: reflexões de um pesquisador: Entrevista com Bernard Charlot**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 36, n. especial, p. 147-161, 2010. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ep/v36nspe/v36nspea12.pdf> >. Acesso em: 23/11/2016.

SARDENBERG, C. M. B. **A violência simbólica de gênero e a lei “antibaixaria” na Bahia**. OBSERVE: NEIM/UFBA, pag 33-48. 2011. Disponível em:< http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/ENSINOeGENERO_miolo_FINAL.pdf >. Acesso em:31/11/2016.

SARAIVA, Maria do Carmo. **Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito**. Ijuí:ed. UNIJUÍ, 1999.

TALIS. **Pesquisa internacional sobre ensino e aprendizagem: relatório nacional**. Ministério da Educação. 2013.. Disponível em:< http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pesquisa_talis/2013/talis2013_relatorio_brasil.pdf >. Acesso em: 29/11/2016.

UNESCO. **Violência de gênero nas escolas e em suas imediações impede milhões de crianças em todo o mundo de cumprir seu potencial acadêmico**. 2015. Disponível em:< http://www.unesco.org/new/pt/brasil/about-this-office/single-view/news/gender_based_violence_in_and_around_schools_prevents_millions_of_children_worldwide_from_fulfilling_their_academic_potential/#.V3hOEbgrLIU >. Acesso em: 02/07/2016.

VAGO, Tarcísio Mauro. **O "esporte na escola" e o "esporte da escola": da negação radical para uma relação de tensão permanente.** Revista Movimento - Ano III - Nº 5 – 1996. Disponível em:< <http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/2228/936> >. Acesso em: 01/06/2016.

VERBENA, Eliete do Carmo; ROMERO, Elaine. **As relações de gênero no esporte por discentes da rede pública municipal de Juiz de Fora.** Revista movimento. Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 113-125, maio/agosto de 2003. Disponível em:< <http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2812/1427> >. Acesso em: 12/11/2016.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2015. Homicídio de Mulheres no Brasil.** OMS/ONU Mulheres/SPM. 2015. Disponível em:< http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf >. Acesso em: 29/11/2016.

WELTER, Tania; CANDIDO, Fernando. **Gênero, Diversidade Sexual e Religião.** Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero / Departamento de Antropologia / Centro de Filosofia e Ciências Humanas / UFSC, 2015. Disponível em:< https://ead2.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/65462/mod_resource/content/4/Genero%20e%20religiao%20unidade%201%20GDE.pdf >. Acessado em: 29/05/2016.

Anexos

Anexo 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE ESTUDOS GÊNERO
ESPECIALIZAÇÃO GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Pais e/ou Responsável

- 1- Os pesquisadores Fernando Santos de Araujo e Daniel Machado da Conceição estão desenvolvendo a pesquisa “Violência de Gênero nas aulas de Educação Física”, com o objetivo de caracterizar as formas de violência de gênero nas aulas de Educação Física. Faz-se necessário as reflexões de como estudantes deixam de participar, e ter oportunidades nas aulas de Educação Física pela influencia negativa da violência.
- 2- Esse instrumento será aplicado por um pesquisador, membro da Universidade Federal de Santa Catarina, sob supervisão direta do pesquisador responsável Daniel Machado da Conceição.
- 3- Na coleta dos dados serão utilizados os seguintes procedimentos: observações participantes das práticas e comportamentos desenvolvidos durante as aulas de Educação Física.
- 4- Não haverá desconforto para os voluntários na medida em que os instrumentos apenas levantam informações **sem identificação**, bem como, a não necessidade de procedimentos de inquirição o que não colocam em risco a integridade da sua saúde física e psicológica. Os procedimentos de investigação não causam qualquer malefício ou constrangimento.
- 5- Os voluntários poderão solicitar informações sobre os resultados da pesquisa e poderão desistir mesmo durante as observações, entrevistas ou da aplicação de questionários.
- 6- Os instrumentos [relatos em diário de campo] não conterão a identificação dos estudantes, mantendo sua privacidade.
- 7- A participação será **gratuita e voluntária**, isto é, os voluntários não receberão dinheiro ou indenização para participar da pesquisa.
- 8- As análises serão realizadas na Universidade Federal de Santa Catarina, IEG/CFH/UFSC - Campus Universitário – Trindade, no Instituto de Gênero e Diversidade, onde os autores estarão disponíveis para posteriores dúvidas e esclarecimentos, inclusive no email: danielmdac1@gmail.com.

Eu, _____, declaro que fui esclarecido(a) sobre a pesquisa “Violência de Gênero nas aulas de Educação Física” e concordo que o estudante/aluno _____

_____ da turma _____ participe dela.

Assinatura do(a) responsável: _____ RG/CPF: _____.

_____, _____ de _____ de 2016.